

#### 4. Contagem e recontagem do conto Chapeuzinho Vermelho

Nesta seção, analisamos e discutimos dados coletados durante a terapia fonoaudiológica, com foco no desenvolvimento da narrativa, de quatro crianças surdas. A análise envolve transcrições de interações face-a-face de uma atividade de contagem e recontagem de contos infantis desenvolvida junto às crianças. Nossa análise enfoca a interação dialógica da criança surda com a terapeuta (Lemos, 1992).

Como foi exposto na seção de metodologia, item 3.5, a atividade analisada constou, em geral, de dois momentos. No primeiro momento, a fonoaudióloga contou a estória para a criança. Com três das quatro crianças, essa etapa foi necessária, devido ao grau de desenvolvimento lingüístico e do conhecimento prévio da estória apresentado. No segundo momento, a fonoaudióloga solicitou que a criança fizesse a recontagem, co-construindo a estória com a criança e utilizando estratégias de mediação, de acordo com o grau de autonomia demonstrado por cada criança na interação.

A análise permeia a performance de cada criança, na atividade de contagem e recontagem junto à mediadora, do conto infantil Chapeuzinho Vermelho. A interação entre os participantes envolve o suporte que a mediadora fornece para as crianças e o trabalho interacional utilizado na atividade. Analisamos as interações da fonoaudióloga com cada criança separadamente, pois, em cada uma delas, a configuração interacional e de co-construção das narrativas foi distinta.<sup>1</sup>

Os dados foram analisados, também, considerando os enquadres interacionais que foram co-construídos (Tannen e Wallat [1987] 2002). Foram construídos principalmente, os seguintes enquadres: 'contagem de estória', 'recontagem de estória' e 'enquadre instrucional' (Starosky, 2005). O enquadre instrucional envolve instrução formal à criança, seja para abordar algum aspecto lingüístico – como uma estrutura do português como segunda língua desconhecida pela criança -, seja para lidar com um aspecto comportamental-cognitivo - como alguma dificuldade de compreensão apresentada pela criança (Starosky, 2005:84).

---

<sup>1</sup> As convenções de transcrição estão nos Anexos 1 e 2; as linhas são representadas por (Lnº). As transcrições na íntegra também estão Anexadas.

Analizamos também como os tipos de mediação utilizados e os posicionamentos interacionais assumidos pela profissional se relacionam com esquemas de conhecimento sobre o conto e sobre o esquema narrativo revelados pelas crianças.

## 4.1 Rodrigo – o narrador

Iniciamos esta parte da nossa análise, referente à interação na qual houve contagem do conto infantil Chapeuzinho Vermelho, pelo participante Rodrigo<sup>2</sup>. Com esse participante não foi necessária a realização do primeiro momento dessa atividade, no qual a fonoaudióloga faria a contagem da estória para ele.

### 4.1.1 Enquadre de contagem em co-construção com a terapeuta

Inicialmente, temos a abertura da atividade de contagem da estória, que foi negociada interacionalmente, como veremos a seguir, no fragmento 1.

#### Fragmento (1)

Turno	Linha		
1.	1	Márcia	((pega o livro e abre na estória Chapeuzinho Vermelho))
2.	2	Rodrigo	A chapeuzinho vermelho?
3.	3	Márcia	É. você sabe me contar?
	4		Eu preciso contar pra você ou você já sabe me contar?
4.	5	Rodrigo	((Vira o livro))
5.	6	Márcia	Pode[ver
6.	7	Rodrigo	[eu conto pra você {você}
7.	8	Márcia	Você me conta?
8.	9	Rodrigo	*sim* {eu}
9.	10	Márcia	Então me conta
10.	11	Rodrigo	(onde ta?)
11.	12	Márcia	A:, aqui...daqui pra traz *traz* ((apontando no livro))
12.	13	Rodrigo	Daqui pra cá ((aponta no livro)) *traz*
13.	14	Márcia	esse não ((apontando a estória Cachinhos Dourados no livro))
	15		esse não. Esse é cachinhos dourados conhece? ((aponta no livro))
14.	16	Rodrigo	A:: *sim*
15.	17	Márcia	Três ursos e cachinhos dourados
16.	18	Rodrigo	Esse é a mãe, esse pai ((apontando no livro))
17.	19	Márcia	Essa é a? ((aponta a cachinhos dourados no livro))
18.	20	Rodrigo	É uma menina *qualquer*
19.	21	Márcia	Cachinhos↓dourados↑ ((apontando no livro))
20.	22	Rodrigo	A:: tá. cachinhos dourado
21.	23	Márcia	Vai. do chapeuzinho começa aqui ((apontando no livro))
22.	24	Rodrigo	((olha para o texto da estória))
23.	25	Márcia	Não é pra você lê não, é pra você é pra me contar.
24.	26	Rodrigo	A:: tá ((bate na cabeça demonstrando autocrítica))

<sup>2</sup> Transcrição nº 1, Anexo 3.

No fragmento 1, Márcia mostra a estória no livro (L1) para Rodrigo. Desde o início da interação, Rodrigo mostra que conhece a estória (L2) e se interessa pelo livro, como demonstra ao manipulá-lo (L5). Além disso, ele se interessa pela atividade (L7) e mostra iniciativa para narrar.

Márcia interage com Rodrigo e usa uma repetição variante (Norrick, 2000:55) da elocução dele (L8), em tom de pergunta, para reafirmar o desejo de narrar da criança, visto que, com as outras crianças, é realizado um primeiro momento nessa atividade, no qual a mediadora conta a estória. Rodrigo confirma sua disposição para narrar (L9). Em (L10) Márcia procura dar início ao enquadre de contagem de estória. Podemos ver, no entanto, que a atividade de contagem de estória é interrompida, quando Rodrigo busca, no livro, onde está a estória (L11). Márcia tenta ajudar (L12), apontando no livro onde começava a estória.

Rodrigo é o único dos quatro participantes que se oferece para contar a estória para a mediadora. Mas percebe-se que, na busca pela estória, havia enquadrado inicialmente a tarefa como leitura e não como contagem (L24 e L26). Ele se posiciona desde o início da interação como narrador, e Márcia instaura o enquadre instrucional (Starosky, 2005). A mediadora pergunta sobre uma característica representativa da personagem de outra estória, que terminava na página anterior de onde começava Chapeuzinho Vermelho. Márcia havia dito o nome da estória (L15,17), no qual constava o nome da personagem, e a mediadora visava confirmar se Rodrigo havia compreendido a relação entre o nome da personagem e suas características físicas presentes na ilustração (L19). Márcia faz uma pergunta para confirmar compreensão que serve ainda para verificar se a criança conhecia a estória.

Rodrigo não corresponde às expectativas da mediadora, pois responde de forma genérica (L20), sem explicitar a relação com a figura e o nome da personagem. Márcia, então, fornece a informação (McCabe e Peterson, 1991:235) para ele (L21), mas não explicita tal relação, o que seria necessário para o entendimento da criança. A resposta de Rodrigo demonstra que ele realmente não tinha feito tal relação, como demonstra o uso da vogal prolongada “a:” seguida do marcador discursivo “tá” (L22), que parece indicar recebimento de informação nova (Pereira, 1993). Em seguida, Rodrigo repete o nome da menina,

desenvolvendo e demonstrando conhecimento de português como segunda língua (L22) (Starosky, 2005, 2006:442).

A alteração realizada na estratégia, de pergunta para fornecimento de informação, pode ser considerada uma mediação do tipo regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006) criada nessa interação. Percebe-se que a profissional diminui a complexidade da tarefa, de forma que seja possível para a criança sua realização.

No fragmento 2, a seguir, podemos ver o início da atividade de contagem de estória por Rodrigo, e o uso de estratégias de mediação por parte da mediadora.

Fragmento (2)

Turno	Linha		
>24.	27	Rodrigo	Aí depois, depois a mãe tava [batendo *batendo bolo*
25.	28	Márcia	[depois não *como assim*
	29		Como como é que começa a estória?
26.	30	Rodrigo	((tampa o rosto)) Uma
	31		Calma aí [(olhando para Márcia, com a boca entreaberta)) {para para}
27.	32	Márcia	[começa a estória]
	33		Era uma ve:z
28.	34	Rodrigo	É,
	35		Era uma ve:z.
29.	36		A mãe tava batendo uma:: chocolate, bolo *batendo bolo*
30.	37		Não tem, bolo?
31.	38	Márcia	bolo, tem
32.	39	Rodrigo	Aí depois veio a::chapeuzinho
	40		Chapéu o que?
33.	41	Márcia	Chapeuzinho
34.	42	Rodrigo	[vermelho
	43		Aí depois tava passeando ((vira a página))

Vimos, no fragmento 2, que Rodrigo, inicialmente, não começa pelo enquadre de abertura de estória, mas inicia a estória com um conectivo de continuidade (L27). Márcia o interrompe e, no enquadre instrucional, faz uma pergunta. A fonoaudióloga demonstra que esse não é o modo usual de iniciarmos estórias (L28) e o questiona sobre a maneira habitual de começarmos a narrá-las (L29). A mediadora mostra a ele seu equívoco, ao interromper, e solicita a fórmula de abertura convencional dos contos de fadas. Esse procedimento seria uma variante do que Ninio e Bruner (1978 apud McCabe e Peterson, 1991:223) chamam de perguntas de clarificação, procedimento que consistiria num bom meio de expandir o que a criança disse de forma incompleta ou incorreta, dando oportunidade de autocorreção.

Rodrigo tampa o rosto (L30), possivelmente envergonhado, e diz “calma aí” (L31), pedindo tempo, ele tenta lembrar da fórmula, mas lembra apenas de parte dela (L30). Márcia, então, repete sua elocução, dessa vez na forma afirmativa, pedindo a Rodrigo para começar a estória (L32), e apresenta o modelo de fórmula convencional de abertura das estórias infantis (L33). Essa fórmula faz parte do léxico típico dos contos de fada, funcionando como uma marca temporal indefinida (Bronckart, 1999). A mediadora fornece a informação (McCabe e Peterson, 1991:235), um modelo lingüístico adequado para ser usado pela criança. Rodrigo demonstra reconhecer tal abertura convencional (L34), e a incorpora ao seu discurso (L35), através da repetição (Norrick, 2000), mostrando concordância à interlocutora.

A alteração na estratégia pode ser considerada regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006). A profissional diminui a complexidade da tarefa ao dar o modelo para a criança repetir, num nível de dificuldade que a criança já é capaz de realizar. Percebemos, no entanto, que a criança esforça-se para lembrar da forma adequada (L30), solicitando à mediadora uma maior autonomia na busca da mesma (L31). Rodrigo diz “calma aí” (L31), o que corresponde a um pedido de “espera um pouco”, a mediadora, porém, não percebe a necessidade de um maior tempo para a criança organizar-se lingüisticamente (L32).

O narrador, então, recomeça a estória (L35) e solicita a confirmação de um conhecimento culturalmente compartilhado (L37). Rodrigo parece querer compartilhar a orientação com a interlocutora, o que indica uma necessidade de confirmação para continuar a narrar. Márcia faz a confirmação esperada (L38), o incentivando. Assim ela assume seu papel de interlocutora atenta, o que facilita que ele continue a narrar (Clark e Mishler, 2001).

A interação prossegue com Rodrigo solicitando a participação da mediadora para completar o nome da personagem (L40). Márcia repete apenas “Chapeuzinho”, fornecendo a informação (McCabe e Peterson, 1991:235) (L41). Rodrigo, então, completa o nome da personagem (L42). Esse trecho mostra a habilidade interacional dessa criança, que solicita ajuda no enquadre instrucional na contagem de estória. Ele passa de narrador à aprendiz e insere-se no enquadre instrucional durante a contagem.

Rodrigo apresentou dificuldade em iniciar a abertura da estória de forma convencional. Por outro lado, ele demonstra ter adquirido aspectos coesivos da L2, ao utilizar os coesivos de contigüidade ‘aí depois’ e ‘aí’ para continuar a estória.

Devido a autonomia relativa para narrar, demonstrada por Rodrigo no fragmento 3, como veremos, a mediadora praticamente se limita a utilizar sinais de atenção (Clarck e Mishler, 2001) enquanto ele conta a estória.

Fragmento (3)

Turno	Linha		
35.	44	Rodrigo	Aí depois ((vira a pagina))
	45		Aí o lobo tava escondido ((se encolhendo))
	46		Aí depois virou
	47		Aí o chapeuzinho vermelho
	48		“aí que susto” ((expressão de susto, fala relatada da Chapeuzinho))
	49		“É o lobo” ((fala relatada da Chapeuzinho))
	50		Aí
	51		“você vai por aqui” ((fala relatada do lobo))
			*caminho*
	36.	52	Márcia
37.	53	Rodrigo	Aí foi por aqui
			*caminho*
38.	54		Aí não calma aí
			{espera}
	55		Aí chapeuzinho ((apontando no livro)) pegou a flor
	56		Aí o lobo, ai lobo pegou aqui xi::: tava aqui escondido
			*escondido*
	57		Aí ele foi embora
			*embora*
	58		Foi pra casa da avó dela ((apontando no livro))
39.	59	Márcia	*sim*
40.	60	Rodrigo	Aí foi pra cá, aqui tá demorando ((mostra o caminho da Chapeuzinho))
	61		aqui é mais rápido ((mostra o caminho do lobo))
	62		Né?
41.	63	Márcia	Ahã *sim*

No fragmento 3, podemos observar que os marcadores de atenção, incitam a criança a desenvolver a estória e a fornecer mais detalhes contextuais (Mishler e Clarck, 2001) (L52, L59, L63). Esse tipo de participação foi, inclusive, solicitado pelo próprio narrador (L62), através do uso do marcador discursivo “né”, que indica confirmação de informação partilhada (Pereira, 1993). A mediadora, por sua vez, exerceu seu papel com marcador (L63), ajudando assim o narrador a prosseguir.

Rodrigo apresenta uma contradição em relação à trama original, apresentando a Chapeuzinho com medo do Lobo no início da estória (L48). Em

(L54) ele apresenta uma hesitação que indica insegurança para narrar esse trecho “aí não calma aí”.

No fragmento 4, a seguir, Rodrigo modifica a trama original da estória.

Fragmento (4)

Turno	Linha		
42.	64	Rodrigo	Aí depois... Aí depois
	65		“a minha minha avó tá chegando” ((fala relatada da Chapeuzinho))
	66		“Oba” ((comemorando, fala relatada da Chapeuzinho))
	67		Aí depois ele bateu na porta ((batendo na porta, referindo-se ao lobo))
	68		Aí a vovó, aí,
	69		“quem é?” ((fala relatada da vovó))
	70		Aí
	71		“Lobo” ((fala relatada do lobo))
	72		Falou
	73		“lobo” ((expressão de susto, fala relatada da vovó))
	74		hh
43.	75	Márcia	Ele {ele} falou que era o lobo?
44.	76	Rodrigo	É *sim*
45.	77	Márcia	*não*
46.	78	Rodrigo	Aí
	79		“não quero abrir a porta não” ((se encolhendo de medo, fala relatada da vovó))
	80		((vira a página)) esse eu já falei ((se referindo a ilustração do lobo na porta, vira a página))
	81		Aí depois ele abriu a porta *abrir a porta*
	82		Ai depois vovó tá dormindo *dormindo*
	83		“A...:” ((põe a mão no rosto, representando a avó))

Inicialmente, ao dizer que o Lobo teria se apresentado diretamente como Lobo, Rodrigo altera a fala do personagem, na qual o Lobo imita a voz da personagem Chapeuzinho Vermelho (L71), ou seja, procura passar por outro personagem. Rodrigo altera assim o “disfarce” do lobo.

Márcia questiona sobre isso (L75), usando pergunta de clarificação que dá oportunidade de autocorreção à criança (Ninio e Bruner, 1978 apud McCabe e Peterson, 1991:223), com reparo da informação dada.

Rodrigo confirma a fala direta que atribui ao personagem lobo (L76). No entanto, parece haver uma contradição, já que Rodrigo no relato sugere que a avó não quer abrir a porta para o Lobo, sugere em sua expressão corporal de susto que ela sente medo (L73), e depois relata que a Avó estava dormindo (L82). Márcia nega diretamente a atribuição dessa fala (L77). Disfarces de personagens parecem, assim, não ser ainda bem entendidos por Rodrigo.

No fragmento 4, uma ilustração do livro parece desnecessária (L80). Apesar disso, e de sua relativa dependência nas ilustrações para narrar, Rodrigo se sai bem nesse momento. Rodrigo passa direto por essa página do livro, assumindo assim conhecimento sobre o que já relatou, como declara ao dizer “esse eu já falei” (L80).

No fragmento 5, adiante, podemos ver que Rodrigo dá continuidade ao relato e que a mediadora interrompe com perguntas sobre o fato seguinte na estória.

Fragmento (5)

Turno	Linha		
>46.	84	Rodrigo	Aí depois ele pegou, ele, aí::=
47.	85	Márcia	=Fez o que com a vovó?
48.	86	Rodrigo	É::=
49.	87	Márcia	=O que que fez com a vovó
50.	88	Rodrigo	(é:: comida?)
51.	89	Márcia	Comeu a vovó
52.	90	Rodrigo	É
	91		Comeu ela
	92		Aí depois pegou a roupa roupa dela
	93		Aí depois tirou os óculos
			{óculos}
	94		((olha os “óculos” com cara de reprovação))
	95		Aí depois limpou e colocou
			*limpou óculos*

Ao perguntar o que o lobo fez com a vovó (L85), Márcia usa uma pergunta eliciadora (Perroni, 1992). Ocorre que, essa intervenção é inserida de forma precipitada, contígua a de Rodrigo (L84), numa pausa preenchida intraturno. Talvez o que a tenha motivado a interferir tenha sido a hesitação imediatamente anterior, de Rodrigo (L84). Tal hesitação - alongamento de vogal - com função aparente de reflexão no processamento da informação (Pereira, 1993:25, 26), provavelmente deu a impressão à Márcia de que ele estaria com dificuldades de continuar a narrar sozinho. O mesmo procedimento ocorre novamente em seguida (L86), e gera a mesma reação de Márcia (L87), que introduz novamente a pergunta eliciadora.

A resposta de Rodrigo (L88) demonstra que, provavelmente, o menino teria conhecimento da informação sem a mediação de Márcia. Sua resposta é repetida de forma variante (Norrick, 2000:55) por Márcia (L89), que desse modo mostra sua concordância com o que Rodrigo disse, incentivando Rodrigo. A

mediadora ainda reformula a resposta de forma mais organizada léxico-gramaticalmente (Starosky, 2005, 2006:439). Rodrigo imediatamente ratifica a reformulação (L90), e a incorpora ao seu discurso em outra repetição variante (Norrick, 2000:55), mostrando novamente para a interlocutora seu conhecimento sobre o conteúdo da estória e demonstrando conhecimento sintático de PL2 (L91) (Starosky, 2006:442).

Rodrigo procura se apoiar nas ilustrações do livro para narrar, mas, nem sempre essas ilustrações contêm os episódios esperados por ele, como podemos observar no fragmento 6, a seguir.

Fragmento (6)

Turno	Linha		
53.	96	Rodrigo	Aí depois (ela) ((refere-se à Chapeuzinho)) bateu na porta ((bate na porta))
	97		Aí ele falou assim
	98		“pode entrar” ((fala relatada do lobo))
	99		Aí ele se escondeu
	100		Aí depois ((olha a página seguinte, mas volta a página anterior))
	101		aí ele falou assim, ele falou assim
	102		“que nariz gra:nde” ((fala relatada da Chapeuzinho)) {nariz grande}
	103		Ai
	104		“pra sentir seu cheirinho” *cheiro* ((fala relatada do lobo))
	105		“Que boca grande” {boca} ((fala relatada da Chapeuzinho))
	106		“É pra falar” ((fala relatada do lobo))

Nesse fragmento Rodrigo narra a estória de forma relativamente autônoma, sem a interferência da mediadora, se apoiando nas ilustrações. Em (L100), pistas paralingüísticas indicam que a ilustração não ajuda. Ele vem reproduzindo bem o diálogo entre o Lobo e a Chapeuzinho (L97 e L98), porém, ao mencionar que o lobo se escondeu (L99), busca informações no livro, e aparentemente não encontra o que procura (L100). Em seguida, introduz o diálogo entre o lobo e a menina (L101 a 105).

Porém, a seguir se distancia do diálogo original (L106), de forma que dificilmente o permitiria chegar à ação seguinte, na qual o lobo persegue a chapeuzinho para devorá-la.

No fragmento 7, a seguir, vemos que a mediadora, novamente, intervém na narrativa de Rodrigo. Dessa vez Márcia interfere motivada por uma modificação feita pela criança na construção do personagem lobo, que altera a introdução de um momento crucial da estória, o momento em que o lobo ataca a Chapeuzinho.

Podemos ver que, novamente, a criança não percebe o “disfarce” do lobo, neste momento fazendo se passar pela vovozinha.

Fragmento (7)

Turno	Linha		
54.	107	Márcia	É pra falar a boca?
55.	108	Rodrigo	*sim* hh
56.	109	Márcia	[Pra que que ele falou que era a boca? ((aponta o livro))
	110		“Que boca grande é essa?” ((fala relatada da Chapeuzinho))
	111		Que que ele respondeu?
57.	112	Rodrigo	Oi?

A intervenção de Márcia, realizada através de uma repetição variante (Norrick, 2000) (L107), busca a autocorreção do que a criança disse e funciona como pergunta de clarificação (Ninio e Bruner, 1978 apud McCabe e Peterson, 1991:223).

Com uma confirmação seguida de risada unilateral (L108), Rodrigo confirma seu relato, embora ao mesmo tempo demonstre sentir desconforto com a solicitação da mediadora. O riso unilateral tem função de mitigação, e funciona como pista de contextualização para atenuar situações difíceis (Adelsward, 1989:108-129 apud Pereira, 1993:78), aqui a situação de narrador que demonstra desconhecimento do “disfarce” do lobo em vovozinha.

A seguir a mediadora introduz, novamente, outra pergunta de clarificação (L109), mas em seguida muda sua estratégia, voltando ao trecho da estória (L110) e procurando co-construir com Rodrigo o diálogo original através da reformulação da pergunta (L111). Deste modo, Márcia demonstra ter percebido que não obteria a resposta adequada da criança apenas através da pergunta, e procura recorrer ao trecho anterior, buscando reavivar a memória do menino. Rodrigo demonstra não saber responder, com o marcador discursivo “oi” (L112).

Reformulações e/ou repetições são comuns durante narrativas e exercem funções organizacionais. Quando os narradores retomam suas falas, visam reorientação em relação ao contexto das estórias, ao tópico, ou, até mesmo, às exigências do contexto conversacional (Norrick, 2000:58-59). A seguir, no fragmento 8, vemos que a mediadora faz uma reformulação de sua própria fala, buscando, junto à criança, a co-construção do significado de um dos elementos caracterizadores do disfarce do personagem lobo, através do discurso relatado entre chapeuzinho e o lobo.

## Fragmento (8)

Turno	Linha		
58.	113	Márcia	Que que-
	114		A Chapeuzinho perguntou
	115		“que boca grande é essa?”
	116		Que que o lobo falou?
59.	117	Rodrigo	“É pra falar” ((fala relatada do lobo, tampa a boca))
60.	118	Márcia	Pra falar não
			*não*
	119		“E pra te comer↑” ((fala relatada do lobo, faz como se fosse pegá-lo)) {comer}
61.	120	Rodrigo	A é,
	121		“É pra te comer, é pra te comer” ((fala relatada do lobo))

No fragmento 8 Márcia faz uma revisão após um falso começo (Norrick, op. cit.) (L113 e L114), nesse caso, isso parece indicar que, inicialmente, a mediadora pretendia apenas repetir a pergunta anterior (L111), como indica a manutenção da estrutura sintática “que que” (L113). Talvez a interlocutora estivesse pensando que Rodrigo não tivesse entendido ou ouvido a pergunta anterior (L111).

A mediadora, a seguir, percebe que precisa anunciar cada personagem que fala no diálogo, e reformula sua fala (L114 e L115), agora fazendo referência à Chapeuzinho, e inserindo o verbo de dizer (Perroni, 1992). Ela novamente volta ao trecho da estória, procurando co-construir com Rodrigo o diálogo original.

A seguir Márcia, mais uma vez, retoma a pergunta de clarificação (Ninio e Bruner, 1978 apud McCabe e Peterson, 1991:223), visando a autocorreção do que a criança disse (L116), desta vez fazendo referência explícita ao lobo. Rodrigo inicialmente se mantém distante do diálogo original, e demonstra ficar encabulado ao tampar a boca (L117).

A mediadora, então, marca essa inadequação (L118). Além disso, Márcia introduz a fala do personagem, fornecendo a informação (McCabe e Peterson, 1991:235) para a criança. Márcia é fiel ao diálogo original, inclusive utiliza a entonação e o gesto necessários para caracterizar o personagem (L119).

Em seguida Rodrigo reconhece e ratifica a informação fornecida pela mediadora com o uso do “a é” (L120), e incorporada essa informação ao seu discurso de forma enfática, marcada pela repetição (L121) (Norrick, 2000), mostrando sua concordância com a interlocutora.

A mudança de estratégia presente nos Fragmentos 7 e 8, de pergunta para fornecimento de informação, pode ser considerada uma mediação do tipo regulação do nível de dificuldade da tarefa à Zona de Desenvolvimento Proximal (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006) nessa interação, pois a profissional diminui a complexidade da tarefa dando o modelo para a criança repetir.

Após esse trabalho interacional de mediação, Márcia altera a estrutura de participação. No fragmento 9, a seguir, vemos que a mediadora retoma o papel de co-narradora, participando da co-construção do discurso em situações específicas.

Fragmento (9)

Turno	Linha		
62.	122	Márcia	Aí o que que aconteceu.
63.	123	Rodrigo	Aí depois (ele- ele pegou óculos) *jogou*
	124		“Eu to com fome” ((fala relatada do lobo)) {fome}
64.	125	Rodrigo	Ai pegou ele ((referindo-se à chapeuzinho))
65.	126	Márcia	Ela
	127		Ela ((apontando a chapeuzinho no livro))
66.	128	Rodrigo	É,
	129		ela *sim*

A mediadora incita a criança a narrar sem fornecer nenhum conteúdo (Hudson, 2006:76) (L122). Rodrigo se posiciona no papel de narrador e retoma a contagem de estória (L123 e L124). Surge então uma interação específica, na qual emerge o enquadre instrucional, que envolveu uma correção referencial (L126 e L127) de iniciativa da mediadora. A interferência visa marcar a diferenciação da marcação de gênero no pronome, fenômeno que ocorre na Língua Portuguesa, mas não em LIBRAS. A mediadora, então, participa fornecendo uma informação (McCabe e Peterson, 1991:235) relativa à correção gramatical para a criança. A informação fornecida é imediatamente reconhecida e ratificada por Rodrigo (L128), e incorporada ao seu discurso de forma enfática, marcada pela repetição (Norricks, 2000) que mostra à interlocutora sua concordância (L129).

No fragmento 10, Márcia assume o papel de interlocutora atenta, e dá suporte à narração da criança quando a informação é solicitada.

Fragmento (10)

Turno	Linha		
> 66.	130	Rodrigo	Aí depois, o
	131		Como é o nome? ((apontando o caçador no livro))
67.	132	Márcia	Caçador
68.	133	Rodrigo	É,

## Fragmento (10, continuação)

134	caçador
135	Aí
136	“eu ouvi” ((fala relatada do caçador)) {eu ouvi}
137	Aí o cachorro
138	“u::::” ((imita o latido do cachorro))

Através de um pedido de informação, Rodrigo (L130) solicita a recuperação de um conhecimento compartilhado por ambos, o item lexical ‘caçador’. O pedido é atendido por Márcia (L132), que lhe fornece a informação (McCabe e Peterson, 1991:235). Novamente, a informação é imediatamente reconhecida e ratificada por Rodrigo (L133), e incorporada ao seu discurso através da repetição (Norrick, 2000), que mostra a Márcia sua concordância (L134). Em seguida, ele se reposiciona no papel de narrador, retomando a estória de onde havia parado (L135 a L138). Ele encena o latido do cachorro (L138), revelando envolvimento com a narrativa.

Esse Fragmento mostra, mais uma vez, a habilidade interacional da criança. Ao solicitar ajuda, Rodrigo interage no enquadre instrucional, e em seguida volta ao enquadre de contagem. Assim, Rodrigo muda de footing (Goffman, [1979]2002; Tannen e Wallat, [1987]2002), sendo capaz de alterar seu alinhamento em relação à interlocutora e ao discurso em si, evidenciando o aspecto dinâmico dos enquadres.

Como temos observado durante toda essa interação, Rodrigo se apóia nas ilustrações para narrar. No fragmento 11, ao se deparar com a ausência de uma ilustração chave - o episódio do caçador retirando a Vovó da barriga do Lobo –, ele necessitou novamente da ajuda da mediadora.

## Fragmento (11)

Turno	Linha		
69.	139	Rodrigo	Aí depois ( ) aí ele saiu correndo
	140		((vira e desvira a página duas vezes, e fica de boca aberta olhando a ilustração com expressão facial de espanto))
70.	141	Márcia	Aí, conta, agora conta
	142		O caçador fez o quê?
71.	143	Rodrigo	Aí caçador
	144		Aí caçador matou o::: lobo {atirar}

Rodrigo, ao continuar o relato envolvendo o caçador (L139) vira as páginas do livro para dar continuidade a estória. O fato do livro não apresentar o

episódio ilustrado causou uma interrupção no fluxo da narração, com expressão de espanto da criança (L140).

Márcia incita Rodrigo a continuar a narrar, sem fornecer nenhum conteúdo informacional (Hudson, 2006:76), (L141), e inclui uma pergunta eliciadora (Perroni, 1992) (L142). A pergunta utilizada foi do tipo Qu, que indica a necessidade de preenchimento de informação. Essa pergunta fornece uma pista de que uma ação seria realizada pelo Caçador, direcionando a contagem da estória.

A seqüência de participações da mediadora foi utilizada para estimular Rodrigo a continuar a narrar, quando Rodrigo revelava não ter todos os esquemas de conhecimento da estória. Com a pergunta Márcia visa elicitando a recuperação dessa ação, mesmo sem o apoio de figuras, elicitando a narrativa dele, que havia sido interrompida. Rodrigo mostra que sabe narrar os episódios da estória, mas que necessita das ilustrações. A mediação de Márcia nesse trecho demonstra, mais uma vez, o posicionamento assumido por ela em diferentes papéis: co-narradora, observadora atenta, mediadora no enquadre instrucional.

A seguir, no fragmento 12, a atuação da mediadora se dá em função das relações temporais e causais de um dos episódios da estória. Márcia procura promover a organização sequencial do discurso da criança.

#### Fragmento (12)

Turno	Linha		
72.	145	Rodrigo	Aí depois...
	146		Aí depois ele comeu (a barriga, não tem aqui?) ((aponta o livro)) {barriga}
73.	147	Márcia	*sim*
74.	148	Rodrigo	Aí depois ele foi::: pegar
	149		Como é o nome daquele negócio? *costura*
75.	150	Márcia	Não
	151		Primeiro ele rasgou a barriga do lobo *rasgou*
76.	152	Rodrigo	É,
	153		rasgou *rasgou*

Rodrigo prossegue em sua narrativa (L145 e L146), mas faz uma interrupção que envolve uma confirmação de conhecimento partilhado sobre a estória, ou seja, ele parece procurar a confirmação de Márcia sobre o fato de uma personagem estar na barriga do lobo (L146). Márcia faz a confirmação necessária (L147), e Rodrigo segue na contagem da estória, mas em seguida faz uma

pergunta, pedindo ajuda à mediadora (L149) para lembrar do item lexical ‘costurar’.

Márcia mostra que algo está incorreto na seqüência da narrativa (L150), negando a informação de Rodrigo. Na seqüência, a mediadora retoma uma parte anterior da estória (L151), ela faz o reparo, fornecendo informação (McCabe e Peterson, 1991:235) sobre a seqüência dos eventos da estória.

Como no fragmento anterior, a informação é imediatamente reconhecida e ratificada por Rodrigo (L152), e incorporada ao seu discurso através da repetição (Norrick, 2000) de parte da elocução da mediadora (L153).

Ou seja, Márcia percebe que, ao narrar, Rodrigo suprime a parte da estória em que o Caçador corta a barriga do Lobo e salva a Avó, indo direto para a parte em que o Caçador costura a barriga do lobo. Com sua participação “É” (L152), Rodrigo parece reconhecer a parte da estória que havia suprimido, quando Márcia faz o reparo na organização seqüencial dos eventos.

Em seguida, a mediadora mantém o foco nas relações temporais e causais presentes na estória, em suas intervenções.

#### Fragmento (13)

Turno	Linha		
77.	154	Márcia	Com a navalha
	155		Aí tirou quem?
78.	156	Rodrigo	Aí depois tirou o chapeuzinho vermelho e a vovó ((apontando as personagens no livro))
79.	157	Márcia	Mas o lobo não comeu↑ a chapeuzinho↓ ((aponta a chapeuzinho no livro))
			*não*
	158		Ele só tentou comer ((corre com o dedo na mesa))=
80.	159	Rodrigo	=a:: é=
81.	160	Márcia	=Ele comeu a vovó. Ele tirou a vovó
			*tirou*
82.	161	Rodrigo	[*sim sim*]
	162		Aí depois ficou feliz {sempre}
83.	163	Márcia	Eles ficaram muitos felizes
	164		Muito bem
	165		Conto lindo a estória

Márcia faz uma nova contribuição (L154), fornecendo mais informação sobre os eventos, e então faz uma pergunta eliciadora (Perroni, 1992) sobre os personagens que haviam sido salvos pelo Caçador (L155), orientando a narrativa de Rodrigo.

A resposta de Rodrigo, ao incluir a personagem chapeuzinho vermelho sendo retirada da barriga do lobo (L156), diverge da versão da estória trazida pelo livro ilustrado. Parece haver diferenças nos esquemas de conhecimento (Tannen e Wallat, [1987] 2002) de ambos sobre a estória, visto que, aparentemente, cada participante conhecia uma determinada versão do conto, ou seja, ambos não partilhavam o conhecimento em questão.

Márcia estava se baseando na versão da estória trazida pelo livro ilustrado que estava utilizando. Nessa versão, o Lobo devora a avó, mas não consegue comer a Chapeuzinho, que foge e grita por socorro, atraindo o caçador que a salva e retira a avó da barriga do lobo. Diferentemente, Rodrigo parecia se basear na versão escrita pelos irmãos Grimm, a mais conhecida atualmente (Silva, 2004). Nessa versão<sup>3</sup>, a primeira adaptada para crianças, o lobo devora a Chapeuzinho Vermelho e sua avó. Depois, um caçador que passava por perto fica intrigado com o ronco que ouve, entra na casa e resgata as personagens (Silva, 2004).

Márcia então discorda de Rodrigo, se posicionando no papel instrucional de informar e ensinar (Ribeiro e Pereira, 2002), afirmando que o lobo não comeu a Chapeuzinho (L157). Márcia, em seguida, fornece a informação (McCabe e Peterson, 1991:235) sobre o evento, dizendo que o Lobo apenas tentou comer a Chapeuzinho (L158 e L160), estabelecendo assim a sua versão para o fato. Rodrigo acaba concordando com Márcia (L159 e L161) o que pode estar indicando que ele se alinhou a ela, assumindo seu papel social de aprendiz. Em seguida, ele traz o final convencional das estórias infantis (L162), encerrando a estória. A mediadora faz uma repetição variante (Norrick, 2000:55), reformulando e organizando sintaticamente a elocução do menino (L163) (Starosky, 2005, 2006:439) e em seguida o elogia (L164 e L165), e mostra que ele realizou bem a tarefa (Lidz 1991, apud Motta et al., 2006).

Rodrigo se posiciona como narrador durante quase a totalidade dessa interação, tendo esse papel ratificado pela fonoaudióloga a maior parte do tempo, durante o enquadre de contagem da estória.

---

<sup>3</sup> Versão disponível em [http://sitededicas.uol.com.br/hti\\_cv09.htm](http://sitededicas.uol.com.br/hti_cv09.htm)

### 4.1.2

#### Enquadre instrucional

A seguir, no fragmento 14, a mediadora reenquadra a tarefa terapêutica, instaurando o discurso instrucional de forma evidente neste novo momento.

##### Fragmento (14)

Turno	Linha		
84.	166	Márcia	Vem cá ((vira a página))
	167		Você:: lembra o que a mãe da chapeuzinho falou pra ela? {você}

Nesse novo enquadre, a construção do discurso está ainda mais fortemente marcada pelos objetivos do discurso instrucional – ensinar e informar (Ribeiro e Pereira, 2002). Nele a mediadora se posiciona de forma diferente das seqüências anteriores, no enquadre de contagem de estória.

A partir do convite “vem cá” (L166), Márcia passa a escolher os tópicos discursivos (Ribeiro e Pereira, 2002) (L167), procurando promover a compreensão de alguns aspectos da estória. A mediadora faz uma pergunta retórica (L167), e depois ela mesma a responde. Márcia, então, passa a enfocar perguntas para confirmar compreensão, e a explicitar fatos que se encontram implícitos na estória, como vemos no fragmento 15.

##### Fragmento (15)

Turno	Linha		
>84	168		“Chapeuzinho não vá pela floresta que é muito perigoso” ((fala relatada da mãe, dedo em riste))
	169		E o que que a chapeuzinho fez?
85.	170	Rodrigo	ela falou assim
	171		“tudo bom” ((fala relatada da Chapeuzinho))
86.	172	Márcia	Não
87.	173	Rodrigo	Falou assim (esqueci)

Márcia retoma um trecho do diálogo inicial da estória, entre a mãe e a Chapeuzinho (L168), e, em seguida, questiona Rodrigo sobre a obediência de Chapeuzinho à orientação da mãe sobre o caminho que ela deveria seguir (Fig. 3; Dadalto, 2006<sup>4</sup>) (L169). A pergunta visa enfocar a compreensão de Rodrigo sobre a relação de causalidade inerente à essa situação do enredo.

<sup>4</sup> Ver quadro 1, página 52.

A pergunta é feita num formato Qu, mas Rodrigo responde de forma dúbia, não deixando claro se a menina havia desobedecido (L170, L171). Márcia discorda de Rodrigo (L172). O menino tenta lembrar da fala correta da personagem, mas não consegue (L173).

A seguir, no fragmento 16, Márcia enfoca a compreensão da relação de causalidade de um episódio. Tal episódio é enfocado por ser de importância central para a compreensão da moral da estória.

Fragmento (16)

Turno	Linha		
88.	174	Márcia	A mãe falou
	175		“chapeuzinho não vá pela floresta, é muito perigoso” ((dedo em riste))
	176		Aí chapeuzinho falou
	177		“ta bom mãe”
			*sim*
	178		E a chapeuzinho obedeceu a mãe?
89.	179	Rodrigo	Obedeceu
90.	180	Márcia	Não
	181		Ela foi pela floresta ((apontando no livro))
	182		Por isso que ela encontrou o lobo ((apontando no livro))
91.	183	Rodrigo	A::é
92.	184	Márcia	Ai o lobo enganou ela né?
93.	185	Rodrigo	*sim*
94.	186	Márcia	Ta vendo como é perigoso
95.	187	Rodrigo	*sim*
96.	188	Márcia	Tem que obedecer o que a mamãe fala

Márcia, então, retoma e repete seqüências da estória (L174 a L177), com a pergunta para confirmar a compreensão, dessa vez no formato sim/não (L178). Assim, ela apresenta a pergunta com as opções de resposta mais restritas do que anteriormente.

A estratégia de mediação usada nas seqüências dos fragmentos (15) e (16), de alternar o formato da pergunta de Qu para sim/não, pode também ser considerada mediação do tipo regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006) criada nessa interação, visto que a profissional modifica a tarefa a ser realizada pela criança.

As respostas de Rodrigo indicam que ele realmente não havia compreendido plenamente que a menina desobedece à mãe e vai pela floresta (Fig. 4; Dadalto, 2006). A compreensão desse episódio, porém, é crucial para a compreensão do valor de ordem moral da estória. Márcia dá a resposta correta (L180), e explicita o que de fato aconteceu (L181 e L182). Assim a mediadora

fornece informação sobre os eventos para a criança, o que é também considerado recomendável (McCabe e Peterson, 1991:220).

A intervenção de Márcia visa ajudar Rodrigo à compreender o valor de ordem moral da estória, e as participações do menino nesse momento se restringem apenas à confirmações solicitadas pela mediadora. A utilização do ‘por isso’ mostra claramente a preocupação em promover a compreensão da relação de causalidade do episódio. Tendo explicitado tal relação, a mediadora pôde trazer à tona a moral da estória (L186 e L188).

A mediadora continua no enquadre interacional de focar a compreensão. No fragmento 17, ela explicita fatos que estão implícitos em alguns pontos da estória.

Fragmento (17)

turno	linha		
>84	189	Márcia	Muito bem você contou lindo
	190		Muito lindo
	191		Quando o lobo bateu na porta ((aponta no livro))
	192		Ele fingiu que ele era vovó- que ele era a chapeuzinho
	193		Por isso a vovó abriu a porta
	194		Porque o lobo falou assim
	195		“Sou eu chapeuzinho”

Márcia, inicialmente, faz uma avaliação positiva da atuação de Rodrigo, mostrando que ele realizou bem a tarefa (Lidz 1991, apud Motta et al., 2006) (L189 e L190). Em seguida, a mediadora retoma uma dificuldade anterior do menino - na qual o Lobo imita a Chapeuzinho (Fig. 8; Dadalto, 2006) e a vovó o manda entrar (Fig. 9; Dadalto, 2006). Ela explicita o que, de fato, aconteceu (L191 a L195). Márcia visa promover a compreensão dele sobre a relação de causalidade do episódio, o que novamente fica claro pela utilização do ‘por isso’ (L193). Assim, a mediadora fornece informações (McCabe e Peterson, 1991:235), explicitando o episódio da estória envolvendo o disfarce do lobo para enganar a vovozinha (L192).

## 4.1.3

## Enquadre de recontagem da estória

Contudo, o enquadre instrucional controlado interacionalmente por Márcia não se mantém por muito tempo, pois logo Rodrigo se posiciona novamente como narrador ratificado. O menino demonstra alto envolvimento e familiaridade com a atividade, e a mediadora mostra também envolvimento na recontagem, como vemos a seguir no fragmento 18.

## Fragmento (18)

turno	linha		
97.	196	Rodrigo	Sabe, é por que, é por que ele ((apontando o Lobo no livro)) queria comer o::: chapeuzinho vermelho
98.	197	Márcia	*sim* ele queria comer a vovó e o chapeuzinho
99.	198	Rodrigo	*sim*
100.	199	Márcia	É isso mesmo
	200		Muito bem
101.	201	Rodrigo	Ai depois comeu ele= ((apontando a vovó no livro))
102.	202	Márcia	=ela, ela, ela é ela ((apontando a vovó no livro))
103.	203	Rodrigo	((tampa a boca reconhecendo o erro))
104.	204	Márcia	Hh *sim*
105.	205	Rodrigo	Aí ela viu o lobo, aí depois ele pegou comeu, botou na barriga {barriga}
	206		Ai depois...ai depois o lobo trocou a roupa {roupa}
	207		Ele tava dormindo
	208		Ai depois a chapeuzinho veio ((batendo na porta))
	209		Bateu na porta ((bate na porta))
	210		Ai ele falou assim,
	211		“pode entrar” ((fala relatada do lobo))
	212		Ai
	213		“que nariz desse tamanho” *grande*((fala relatada da Chapeuzinho))
	214		[hh
106.	215	Márcia	[Muito bem você já contou
107.	216	Rodrigo	Ai depois {boca} boca, aí depois falou assim
	217		“que boca é essa” ((fala relatada da Chapeuzinho))
	218		hh
	219		“É porque, é porque te comer {comer}”((fala relatada do lobo))
108.	220	Márcia	“É pra te comer↑”((fala relatada do lobo))
109.	221	Rodrigo	E come
	222		Depois ele...ele...ele...ele
	223		Aí ele tirou a roupa
	224		Ele tava *rodando* rodando rodando rodando
	225		Ai o caçador ouviu
	226		((vira a cabeça para ouvir)) “O lobo ta, o barulho” ((fala relatada do caçador))
	227		Ai abriu *cortou* a barriga
	228		Ele cortou {cortar} a barriga ai depois matou {matar}
	229		Ai depois tirou a vovó
110.	230	Márcia	Isso
111.	231	Rodrigo	Avó
	232		Ai depois o chapeuzinho vermelho foi feliz
112.	233	Márcia	Muito bem

Rodrigo reenquadra a tarefa, e reconta parte da estória (L196 a L232). Mesmo quando a mediadora mostra, explicitamente, que não espera uma nova narração (L215), Rodrigo continua a recontagem. Rodrigo mostra, nesta recontagem, alto envolvimento e reconta a estória sem hesitações, demonstrando que agora já sabe contar a estória de forma autônoma. Fica claro em (L219, L228 e L229) que Rodrigo traz trechos da estória nos quais a mediadora havia apontado problemas anteriormente. Márcia ratifica (L220 e L230), e colabora com a nova recontagem. A mediadora aproveita para reformular algumas emissões de Rodrigo de forma mais organizada, através de repetições variantes (Norrick, 2000) (L197 e L220).

Como em (L126 e L127), no fragmento 9, a mediadora toma a iniciativa de interferir visando marcar a diferenciação da marcação de gênero no pronome, fenômeno que ocorre na Língua Portuguesa, mas não em LIBRAS. É uma situação específica, na qual emerge o enquadre instrucional envolvendo o fornecimento de informação relativo à correção gramatical (L202), realizando um reparo.

No final da recontagem, quando traz a ação do caçador cortando a barriga do lobo e salvando a personagem, vemos que Rodrigo aceita e reproduz a versão da estória narrada pela mediadora (L229 e L231), dizendo que o caçador salva a vovó, e não a vovó e a chapeuzinho, como ele havia dito antes. Márcia também o motiva, avaliando (Hudson, 2006:76) positivamente sua performance, em diversos momentos (L199, L200, L215, L230 e L233). Assim ela fortalece a confiança do aprendiz em suas habilidades de narrador, ao mostrar que ele contou de forma satisfatória.

## 4.2

### Luna – ouvindo e contando estórias

Passamos agora a outra parte da análise, referente à interação na qual houve contagem da estória Chapeuzinho vermelho pela participante Luna<sup>5</sup>. Esta seção de análise, na comparação com a anterior, permitirá a visualização das diferenças de natureza discursiva e sócio-interacional entre os participantes.

#### 4.2.1

##### Enquadre de contagem da estória

Com essa participante, assim como para todos os outros, exceto a criança anterior, foi necessário o primeiro momento da atividade, no qual a fonoaudióloga faz a contagem da estória. Assim como com Rodrigo, a atividade foi negociada interacionalmente, como pode ser visto no fragmento 19.

##### Fragmento (19)

turno		linha	
1.	Márcia	1.	Você conhece a estória da Chapeuzinho Vermelho? ((abrindo o livro))
2.	Luna	2.	((levanta da cadeira para ver melhor o livro)) (conhece) *sim*
3.	Márcia	3.	Conhece?
4.	Luna	4.	*sim*
5.	Márcia	5.	Você sabe me contar?
6.	Luna	6.	(essa aqui?) ((apontando no livro))
7.	Márcia	7.	É, essa é da Chapeuzinho
		8.	Você sabe me contar?
8.	Luna	9.	*sim*
9.	Márcia	10.	Sabe?
		11.	Então me conta.
10.	Luna	12.	(aonde, aqui?) ((apontando no livro))
11.	Márcia	13.	É, da Chapeuzinho.
		14.	Sabe contar?
		15.	Quer que eu conte?
12.	Luna	16.	*sim*
13.	Márcia	17.	Quer?
14.	Luna	18.	*sim*

Podemos ver, no início da interação, que Márcia faz a abertura da atividade, com a pergunta direcionada a Luna (L1). É visível o interesse de Luna pelo livro, o que é demonstrado corporalmente (L2), e o seu conhecimento da estória Chapeuzinho Vermelho (L4). A menina diz que sabe contar a estória (L9),

<sup>5</sup> Transcrição nº 2 – Anexo 4.

mas não se propõe a contá-la. Márcia pergunta duas vezes se Luna sabe ou quer contar (L5, L11), mas a menina pede confirmação referente à estória que deveria contar (L6). Diferentemente de Rodrigo, a princípio Luna não se posiciona como narradora. Márcia ainda insiste mais uma vez (L14), mas em seguida pergunta se Luna quer que ela conte (L15, L17); e a resposta da menina é afirmativa (L16, L18).

No fragmento 20, como veremos a seguir, Márcia se posiciona como narradora. Embora não pareça se sentir à vontade para assumir logo o papel de narradora dessa estória, sem antes passar pela experiência de ouvi-la, narrada por essa interlocutora, Luna colabora com a contagem da estória em alguns momentos.

Fragmento (20)

turno	linha	
15.	Márcia	19. Era uma vez, uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho. A mamãe dela pediu para ela levar uns doces para a casa da vovó, porque a vovó tava muito doentinha.
		20. Aí a mamãe falou assim
		21. “Chapeuzinho, não vá pelo caminho da floresta porque lá é muito perigoso!”
		22. A Chapeuzinho desobedeceu a vovó, pegou o caminho da floresta. Fragmento (20, continuação)
		23. Ela tava andando toda feliz pela floresta, quando de repente ((voz de mistério))
		24. Quem que ela encontrou?
16.	Luna	25. O Lobo! ((apontando para o livro))
17.	Márcia	26. Lobo Mau.
18.	Márcia	27. Lobo Mau falou
		28. “Oi!”
		29. Fingiu que era amigo dela,
		30. “Oi Chapeuzinho! Pra onde você vai?”
		31. Aí ela falou
		32. “Vou pra casa da vovó que tá doente. Vou levar docinhos”
		33. “Ah, Chapeuzinho pegue umas florzinhas pra dar pra sua vovó e vá por esse caminho”
		34. “Ah, boa idéia seu Lobo Mau!”
		35. E o Lobo Mau pegou um caminho mais rápido, foi andando bem rápido, chegou antes da Chapeuzinho.
		36. Ele enganou a Chapeuzinho.
		37. Ele foi bem rápido,

Márcia inicia a contagem da estória. Ela faz a abertura convencional, introduz o personagem chapeuzinho e o pedido da mãe para ela levar doces a sua avó (L19). Ela, através de discurso relatado, introduz também a fala da mãe de

chapeuzinho aconselhando sobre o caminho a ser seguido (L20 e L21). Ela ainda relata a desobediência de chapeuzinho à mãe (L22).

Logo a seguir, introduz a cena com chapeuzinho feliz passando pela floresta (L23). É neste momento que solicita a participação da criança. Ela faz uma pergunta eliciadora (Perroni, 1992), estimulando um piso conversacional colaborativo (L24). A criança participa, respondendo à pergunta sobre o personagem (L25). Luna mostra, com sua resposta “o lobo”, ter conhecimento partilhado sobre a estória. Márcia faz uma repetição variante da elocução de Luna, mostrando à interlocutora sua concordância (Norrick, 2000:55), e co-construindo, acrescenta à sua elocução uma característica representativa ao nome do personagem (L26).

Desse modo, a mediadora aproxima a elocução ao léxico típico dos contos de fadas (Bronckart, 1999), marcando um aspecto representativo desse gênero, e, ao mesmo tempo, apresentando esse personagem como o antagonista do conto. Utilizando tal estratégia, Márcia está empregando uma mediação de reformulação (Starosky, 2005 e 2006:439), nesse caso específico com o objetivo de acrescentar informações relevantes para a compreensão do enredo da estória. Márcia traz a participação do lobo, personagem importante na estória, e já o caracteriza como mentiroso (L29 e L36).

A seguir, no fragmento 21, Márcia dá continuidade à contagem da estória. Poderemos ver que Luna também demonstra iniciativa, participando espontaneamente da co-construção da estória.

#### Fragmento (21)

turno		linha	
>18	Márcia	38.	Olha ele correndo, ó! ((apontando para o livro)) pra chegar na casa vovó.
		39.	Essa é a casa da vovó ((apontando no livro)).
		40.	quando ele chegou [lá: ((voz de mistério))
19.	Luna	41.	[ele bateu na porta, vai comer a vovó.
20.	Márcia	42.	Vai comer a vovó mesmo.

Quando Márcia faz um prolongamento de vogal (L40), trazendo um tom de mistério à estória, Luna toma o turno (L41), procurando, por iniciativa própria na apropriação do turno, colaborar com a contagem. A menina diz, no enredo da estória, que o lobo bateu na porta, e adianta que ele irá comer a vovó. Desse modo Luna mostra, novamente, conhecimento partilhado. Márcia, novamente, repete parte da elocução de Luna, co-construindo com a interlocutora (L42). A estratégia

funciona como um incentivo, uma motivação para Luna participar da co-construção da contagem da estória.

Embora se mantenha no papel de narradora, no fragmento 22 Márcia continua procurando estimular a participação de Luna na contagem da estória, através de perguntas.

Fragmento (22)

Turno		Linha	
>20.	Márcia	43.	Aí ele bateu na porta e a vovó perguntou
		44.	“Quem é?”
		45.	O que que ele falou? Você sabe?
21.	Luna	46.	“é o chapeuzinho!” <sup>o</sup> ((ri, tampa a boca e imita a voz da chapeuzinho))
22.	Márcia	47.	isso aí
		48.	"é o chapeuzinho vermelho"

A mediadora inicia a reprodução do diálogo entre o Lobo Mau e a Chapeuzinho (L43). Márcia estimula a participação de Luna ao fazer uma pergunta eliciadora (Perroni, 1992) (L45). A criança participa (L46) reproduzindo a fala do lobo, inclusive rindo e utilizando um recurso paralingüístico característico das estórias infantis, efetuando mudança de *pitch*. Novamente, Luna demonstra conhecer a estória e mostra também alto envolvimento na participação da atividade. Além disso, Luna demonstra ter compreendido bem o “disfarce” do lobo, se fazendo passar pela personagem chapeuzinho.

A mediadora concorda enfaticamente com Luna (L47), e demonstra novamente sua concordância ao repetir a elocução de forma variante (L48) (Norrick, 2000), aproveitando para completar o nome da personagem. A postura de Márcia também pode ser interpretada como um incentivo à participação da criança, acompanhada de uma reformulação (Starosky, 2005 e 2006:439), completando o nome da personagem.

No fragmento 23, a seguir, Márcia continua a narrar, e Luna novamente toma a iniciativa de participar da co-construção da estória. Durante a contagem da estória vemos, portanto, que o falante principal, ratificado, é Márcia. Luna tem um papel complementar na nesse momento da atividade.

Fragmento (23)

Turno		Linha	
>22.	Márcia	49.	Aí a vovó falou
		50.	“Pode entrar minha netinha”
		51.	Aí ele entrou e a vovó viu que era o lobo, tomou um susto e o lobo (.) comeu a vovó.
		52.	Aí o lobo botou a roupa da vovó e deitou na cama para fingir que ele era a vovozinha.
23.	Luna	53.	(chapeuzinho vermelho) ((apontando a Chapeuzinho no livro))

24. Márcia 54. \*sim\*
55. Quando a Chapeuzinho chegou, primeiro ela achou que era a vovó, ele tinha a roupinha da vovó, tinha a camisola da vovó. Mas ela achou a vovó diferente.
56. Aí ela perguntou,
57. “Vovó, que olhos tão grandes!”
58. “É pra te ver melhor minha netinha”
59. “Vovó, que nariz tão grande!”
60. “É pra te cheirar melhor minha netinha”
25. Luna 61. hh
26. Márcia 62. “Vovó, que boca tão grande!”
63. “É pra te come::r!”
64. e correu atrás da Chapeuzinho.
65. A Chapeuzinho gritou
66. “Socorro, é o Lobo Mau, socorro!”
67. Aí o caçador que tava passeando pela floresta, ouviu a Chapeuzinho e foi lá ver o que que aconteceu.
68. Ele entrou na casa da vovó, matou o lobo, abriu a barriga do lobo, tirou a vovó lá de dentro e a vovó e a Chapeuzinho viveram felizes para sempre.

Márcia continua a contagem da estória. Ela explicita o susto da avó ao perceber que não era sua neta, mas sim o lobo (L51) e o momento em que o personagem se disfarça de vovó (L52). Apesar do fragmento 22 indicar que Luna compreendeu o “disfarce” do lobo, neste fragmento a mediadora chama atenção para os “disfarces” do lobo, que não haviam sido bem compreendidos por Rodrigo.

Luna dá sinais de atenção e envolvimento ao participar como colaboradora (L53) e ao rir (L61). A contribuição (L53) é pequena, mas indica que a menina antecipa o que será contado posteriormente. Mais uma vez, Márcia concorda com a menina, dessa vez de forma gestual (L54). Márcia inclui o diálogo entre o lobo e a chapeuzinho (L56 a L63), a resolução (L67 e L68) e o final convencional das estórias infantis (L68).

#### 4.2.2

##### Enquadre de recontagem da estória

Na interação seguinte, a mediadora reenquadra a tarefa terapêutica ao solicitar à criança que recontе a estória, como podemos ver no fragmento 24.

Fragmento (24)

- | turno | linha      |   |
|-------|------------|---|
| 27.   | Márcia 69. | Agora você conta pra mim?   |
| 28.   | Luna 70.   | *sim* ((aguarda Márcia colocar no início da estória)) Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho Vermelho. A mãe dela mandou levar docinho pra vovó, ela tá doente. A ma- a mamãe dela falou |

## Fragmento (24, continuação)

- |     |        |     |  |
|-----|--------|-----|--|
|     |        | 71. | “(cuidado) caminho é longe e perigoso”                                       |
| 29. | Márcia | 72. | Isso,  |
|     |        | 73. | não vai pela floresta porque é longe e perigoso,                             |
|     |        | 74. | não é?   |
| 30. | Luna   | 75. | A Chapeuzinho Vermelho chegou no caminho, a Chapeuzinho Vermelho viu o lobo. |
|     |        | 76. | O lobo falou   |
|     |        | 77. | “Aonde você vai?” ( )  |
| 31. | Márcia | 78. | Hã?  |

A mediadora altera a estrutura de participação, se posicionando como audiência, ao solicitar que Luna conte a estória (L69). Márcia posiciona Luna como narradora, que concorda e assume seu papel (L70).

Luna, então, inicia sua contagem de estória apresentando os personagens e a relação causal inicial da estória (L70), a doença da avó como motivação para a mãe mandar a menina levar os doces (Fig. I e II, respectivamente; Dadalto, 2006<sup>6</sup>) e inicia a recomendação da mãe para tomar cuidado no caminho (L71) (Fig. III incompleta; Dadalto, 2006). Márcia confirma o relato de Luna (L72), incentivando a narrativa da menina. A seguir a mediadora faz uma repetição variante (Norrick, 2000:55) da elocução de Luna (L73), co-construindo e ao mesmo tempo reformulando (Starosky, 2005 e 2006:439) a fala da criança de forma mais completa e organizada. Com o marcador discursivo “não é” a terapeuta parece devolver o turno para a criança. Luna continua a recontagem, trazendo espontaneamente a abordagem do Lobo à Chapeuzinho (Fig. V, Dadalto, 2006) (L75, L76, L77).

A mediadora sinaliza sua atenção para com a narrativa de Luna –L78, estimulando a menina a continuar a narrar usando marcadores de atenção, que incentivam o narrador a desenvolver a estória e a fornecer mais detalhes contextuais (Clarck e Mishler, 2001).

Como pode ser visto no fragmento 25, Luna se mantém na recontagem, demonstrando conhecimento sobre a estória ao recontá-la. Márcia, por sua vez, participa co-construindo.

---

<sup>6</sup> Ver quadro 2, página 122.

## Fragmento (25)

Turno		Linha	
32.	Luna	79.	( ) Eu vou levar- eu vou na vovó levar docinho (tá doente)
		80.	Ele foi lá no caminho, chapeuzinho (vai no caminho) longe
33.	Márcia	81.	Ele ensinou pra chapeuzinho o caminho mais longe, *longe*
		82.	né?

Luna traz, espontaneamente, o momento inicial do episódio quando o Lobo engana a menina (L80) (Fig. VI, Dadalto, 2006). Co-construindo com a recontagem de Luna, Márcia participa novamente com uma repetição variante (L81) (Norrick, 2000:55) da elocução da menina, incentivando sua narrativa e ao mesmo tempo reformulando (Starosky, 2005 e 2006:439) sua fala de forma mais completa e organizada.

Assim Márcia procura tornar explícito que o lobo ensinou o caminho mais longo para Chapeuzinho, o que estava pouco desenvolvido na fala de Luna (L80). A seguir, mais uma vez, a terapeuta, ao usar o marcador discursivo “né”, que indica reconhecimento de informação compartilhada (Pereira, 1993), parece devolver o turno à criança (L82).

A seguir, no fragmento 26, Luna se mantém narrando a estória. Márcia, por sua vez, faz participações interacionais com foco nas relações causais do trecho, interferindo na recontagem da menina.

## Fragmento (26)

Turno		Linha	
34.	Luna	83.	Aí o lobo falou
		84.	“Leva uma florzi:nha pra vovózinha:”
35.	Márcia	85.	Por que que ele falou isso?
36.	Luna	86.	Porque (ela ia pegar florzinha, ele ia caminho pertinho), ai ele correu Fragmento (26, continuação)
37.	Márcia	87.	Pra Chapeuzinho ficar aqui demorando, né?
		88.	E ele correu. Ele enganou a Chapeuzinho, né?
		89.	Ele falou
		90.	“Cata as florzinhas.” ((apontando o livro))
		91.	Que aí a Chapeuzinho ia ficar demorando, e aí ele correu pra comer a vovó. *demorando*
		92.	Foi isso?

A criança traz a continuação da fala do Lobo no momento em que ele engana a Chapeuzinho, mostrando seu conhecimento da estória (L83 e L84) (Fig.

VI, Dadalto, 2006). Através de uma pergunta que pede a complementação do motivo, a mediadora chama atenção para um episódio no qual o Lobo engana a Chapeuzinho para pegar um atalho e chegar antes na casa da Avó (L85). Luna responde dando pistas de que entendeu os planos do Lobo (L86), mas não consegue formular bem sua resposta. Márcia interfere novamente e explicita a trama da estória (L87 a L91), revelando as intenções do personagem lobo. A seguir, a terapeuta faz um pedido de confirmação (Pereira, 1993:55, 110,111) (L92) da compreensão da criança.

No fragmento 27, a seguir, podemos ver que Luna não responde, ela continua a narrar com desenvoltura e demonstra compreensão da imitação que o lobo faz de chapeuzinho, um episódio com o qual Rodrigo, anteriormente, apresentou dificuldades (fragmento 5).

Fragmento (27)

Turno		Linha	
38.	Luna	93.	O lobo correu ( ) o lobo correu, chegou na casa da vovó, chegou na casa da vovó. ((Márcia vira a página)) Aí ele chegou, bateu na porta, aí, aí, aí o lobo foi falar.
		94.	“Quem é? Quem é?”
		95.	“Eu sou a Chapeuzinho Vermelho ((imitando a voz da personagem e rindo))”
39.	Márcia	96.	hh
40.	Luna	97.	“vou entrar! “
		98.	(ele entrou) Aí ele entrou, aí ela abriu, a vovó levou um susto (era o lobo) aí o lobo foi comer comida.
41.	Márcia	99.	Comeu comida?
		100.	Comeu quem?
42.	Luna	101.	A vovó. ((rindo))
43.	Márcia	102.	A vovó::
44.	Luna	103.	Chapeuzinho... a vovó... o lobo comeu a vovó.

Luna –L93 (27) narra espontaneamente que o Lobo chegou primeiro à casa da vovó (Fig.VII; Dadalto, 2006), e, inclusive, utiliza recursos paralingüísticos – L95. Ela não apresenta o mesmo problema de compreensão de Rodrigo –L55-58 (5), pelo contrário, narra com facilidade e descontração, evidenciada pelo riso quando fez a voz do lobo imitando a personagem principal (Fig. VIII; Dadalto, 2006). Luna não diz que a avó manda o lobo entrar (Fig. IX; Dadalto, 2006), usando uma variante na qual o Lobo diz que vai entrar –L97. Embora não tenha sido totalmente fiel ao enredo, essa modificação não interfere na compreensão da estória nem altera seu significado.

Durante a recontagem de Luna, neste fragmento 27, Márcia participa quando Luna dá uma informação inadequada em relação ao comportamento do lobo (L98). Ela repete a elocução da menina com entonação de pergunta (L99), dando oportunidade de autocorreção à criança (Ninio e Bruner, 1978 apud McCabe e Peterson, 1991:223). Em seguida a mediadora fez uma pergunta eliciadora, com o mesmo objetivo, mas de forma a guiar mais a resposta da criança (L100). A pergunta “comeu quem?” funciona como uma pista de que o lobo havia comido um personagem. A resposta de Luna (L101), porém, indica que ela havia entendido bem o episódio, mas que de algum modo se confundiu na hora de narrá-lo. Márcia então repete a elocução da menina (L102) (Norrick, 2000), ratificando sua concordância e a incentivando, o que foi enfatizado pelo prolongamento de vogal. Em seguida Luna, por iniciativa própria, repete o episódio anterior de forma mais organizada (L103), não deixando dúvidas sobre a sua compreensão do episódio (Fig. X; Dadalto, 2006).

A estratégia de Márcia, de incluir uma pergunta eliciadora após uma pergunta de clarificação, pode ser entendida como uma mediação do tipo regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006) criada nessa interação, visto que a profissional procura ajustar a tarefa que a criança irá realizar.

Novamente no fragmento 28, Márcia se mantém no papel de audiência, enquanto Luna é a narradora ratificada.

#### Fragmento (28)

Turno		Linha	
>44.	Luna	104.	A Chapeuzinho viu a vovó.
		105.	“Ih, vovó (cabeção), ih vovó narizão”
45.	Márcia	106.	“Tão grande. Que nariz tão grande!”=
46.	Luna	107.	=“tão grande (que nariz tão grande),
		108.	ih vovó tá boca tão grande!”=

Luna traz espontaneamente o diálogo entre o Lobo - fantasiado de avó - e a Chapeuzinho (L104,105) (Fig. XI, XII, XIII; Dadalto, 2006). Márcia co-constrói com outra repetição variante (L106) (Norrick, 2000:55) da elocução da menina, incentivando sua recontagem e ao mesmo tempo reformulando sua fala de forma mais fiel ao diálogo original. Luna repete a elocução de Márcia (L107), co-construindo. É interessante notar que a menina mantém o padrão sintático oferecido pela mediadora na continuação do diálogo (L108), repetindo sua

elocução, aparentemente se beneficiando da mediação e se apropriando desse conhecimento lingüístico.

Vemos que, em geral, Márcia devolve o piso para Luna e/ou busca concordância sobre a reformulação feita depois dessas interferências (L74, L82 e L92), e a menina retoma a narrativa de forma natural. Márcia interfere quando é necessária alguma reformulação ou co-constrói buscando incentivar a recontagem.

### 4.2.3

#### Enquadre instrucional

Durante toda a interação Márcia demonstra ser uma mediadora que co-constrói e incentiva. Em determinados momentos, no entanto, antecipa a recontagem. Como no fragmento 29, no qual a mediadora toma o turno e realiza perguntas visando guiar a narrativa de Luna.

#### Fragmento (29)

Turno		Linha	
47.	Márcia	109.	=“tão grande...”
		110.	Aí o que que o lobo falou?
48.	Luna	111.	(é de lobo)
49.	Márcia	112.	Não.
		113.	“É pra te come::r!”
50.	Luna	114.	“É pra te comer.”
51.	Márcia	115.	É. E aí?
52.	Luna	116.	O Lobo Mau correu. Vou esperar. Aí a Chapeuzinho (aí a chapeuzinho gritou)
		117.	“socorro (é o lobo mau), socorro!”

Márcia faz uma pergunta eliciadora (L110). Neste caso, sua elocução é próxima (L109) à de Luna (L108), que estava conseguindo reproduzir o diálogo entre os personagens.

A dificuldade anterior de Rodrigo nesse ponto do diálogo (Fragmento 6, L106) pode ter motivado essa interferência. Luna também tem dificuldades com esse trecho do diálogo (L111). Márcia regula o nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006), pois faz uma demonstração (L113), ajustando a tarefa que a criança irá realizar, dando o modelo para ela repetir.

Assim como Rodrigo, Luna demonstra reconhecer a fala do lobo quando reproduzida pela mediadora, mostrando concordância através da repetição (Norrick, 2000) (L114). Márcia incita Luna a continuar a recontagem sem

fornecer nenhum conteúdo informacional (Hudson, 2006:76) (L115), Luna volta a narrar (L116 e L117), trazendo o ataque do Lobo à Chapeuzinho (Fig. XIV; Dadalto, 2006).

No Fragmento 30, Márcia novamente antecipa a recontagem, guiando a narrativa de Luna.

Fragmento (30)

Turno		Linha	
53.	Márcia	118.	“socorro, socorro!”
		119.	aí quem ouviu a chapeuzinho (berrando)?
54.	Luna	120.	(homem) ((apontando o caçador no livro))
55.	Márcia	121.	Caçador.
56.	Luna	122.	(Caçador)
57.	Márcia	123.	Caçador ((corrigindo a fala de Luna))
58.	Luna	124.	(Caçador), caçador ((corrigindo-se))

A mediadora repete a elocução de Luna (L118), co-construindo com a interlocutora e procurando incentivá-la. Em seguida, Márcia faz uma pergunta eliciadora (Perroni, 1992) de antecipação (L119). A resposta de Luna é breve (L120), demonstrando ter o conhecimento necessário para continuar a recontagem sem a interferência de Márcia. O pedido de ajuda de Rodrigo, nesse ponto do diálogo, solicitando ajuda para recordar um item lexical, pode ter sugerido à Márcia que Luna teria dificuldades com esse termo, e isso ocorreu (L120, L122, L124). Ambos tiveram pontos de dificuldade em comum. Apesar disso, talvez Luna tivesse encontrado meios de se expressar, e até mesmo de pedir ajuda à interlocutora, tal como fez Rodrigo (fragmento 9, L118). Luna, que se mostrava antes uma narradora competente, neste momento deixa de ser a narradora ratificada e passa a apenas responder às solicitações de Márcia.

Tal como em (L126 e L127 no fragmento 9) e (L202 no fragmento 18), a mediadora toma a iniciativa de interferir visando fornecer um item lexical mais específico e adequado. É uma situação específica, na qual a mediadora fornece uma informação (McCabe e Peterson, 1991:235) relativa à correção gramatical.

No fragmento 31, a seguir, Luna procura assumir seu papel de narradora. Márcia, além de reformular a fala de Luna de forma mais organizada, procura eliciar o final convencional das estórias infantis.

## Fragmento (31)

Turno		Linha	
>58.	Luna	125.	Aí caçador, (escutou aquele barulho). É:: aí o caçador foi matar o lobo, puxou a vovó.
59.	Márcia	126.	Tirou a vovó de dentro da barriga.
60.	Luna	127.	[Aí ele matou, morreu.=
61.	Márcia	128.	=O lobo morreu *sim*.
62.		129.	E a vovó?= 130.
63.	Luna	130.	=Aí o caçador tirou a vovó.
		131.	A Chapeuzinho Vermelho chegou.
64.	Márcia	132.	E elas ficaram?
65.	Luna	133.	Feliz.
66.	Márcia	134.	Para?
67.	Luna	135.	Para casa.
68.	Márcia	136.	Para sempre.
69.		137.	Felizes para sempre.

Luna procura assumir seu papel de narradora (L125). Márcia participou com uma repetição variante (L126) (Norrick, 2000:55), incentivando Luna. Assim Márcia, ao mesmo tempo, a mediadora reformulou a fala de Luna de forma sintaticamente mais organizada, utilizando itens lexicais considerados mais adequados (Starosky, 2005, 2006:439). Luna traz o desfecho da estória (L127) e Márcia novamente usa uma repetição variante (L128) (Norrick, op cit), incentivando e reformulando sua fala de forma mais completa e organizada.

Márcia faz uma pergunta eliciadora (Perroni, 1992) visando obter o fechamento convencional das estórias infantis (L132). O fechamento usado por Luna não foi o convencional (L133). Márcia, então, utilizou uma pergunta dotipo complete a lacuna (L134). A resposta da menina não satisfaz à mediadora, por não ser a fórmula canônica (L135). Márcia, então, finaliza a recontagem fornecendo uma informação (McCabe e Peterson, 1991:235), ao usar a fórmula convencional de fechamento dos contos de fadas (L136, L137). Essa seqüência de mediações pode ser considerada de regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006), pois a mediadora procura ajustar a tarefa que a criança irá realizar. A mediadora demonstra considerar que o fechamento típico deve ser destacado no processo de ensino-aprendizagem das crianças sobre os contos.

### 4.3

#### Pedro - Pedras no caminho do narrar

Passamos agora a outra parte da análise, referente à interação na qual houve contagem da estória Chapeuzinho vermelho para o participante Pedro<sup>7</sup>. Como foi dito na seção anterior, esta seção de análise também será importante em seus próprios resultados, e na comparação com as anteriores, por possibilitar uma melhor visualização das diferenças de natureza discursiva e sócio-interacional.

#### 4.3.1

##### Enquadre instrucional

Com esse participante, assim como com os outros, exceto o primeiro, foi necessário o primeiro momento da atividade na qual a fonoaudióloga faz a contagem de estória para a criança. A atividade pode ser observada a seguir, no fragmento 32.

##### Fragmento (32)

turno	linha		
1.	1	Márcia	Você gosta de livro?
2.	2	Pedro	*sim*
3.	3	Márcia	Gosta? Você conhece a estória do Chapeuzinho Vermelho?
4.	4	Pedro	((olha com curiosidade para o livro)).
5.	5	Márcia	Conhece a chapeuzinho vermelho?
6.	6	Pedro	*não*
7.	7	Márcia	Não? Nunca viu a chapeuzinho vermelho?
	8		Então vou contar a estória dela. ((procura a estória)). Tá aqui ela.
	9		Vou te mostrar.
	10		Tira a mãozinha pra eu botar aqui. Tira a mãozinha.
	11		Pedro. Tira o braço pra eu botar aqui
8.	12	Pedro	((tira a mão))

Márcia, nesta seção, é quem inicia a interação. No entanto, inicia de forma indireta. Márcia vai envolvendo Pedro pouco a pouco no contexto da estória, bem como em sua aproximação com o mesmo. Em resposta à tentativa de envolvimento realizada por Márcia (L1), Pedro diz que gosta de livro (L2), e olha com interesse para o mesmo (L4).

<sup>7</sup> Transcrição nº 3 – Anexo 5.

Diferentemente do que fez com os participantes Rodrigo e Luna, com Pedro Márcia não cogita a possibilidade de suprimir a primeira etapa da atividade, pois, no início da interação, Pedro afirma não conhecer a estória (L6). Devido a essa resposta, a mediadora não chega a propor que ele narre a estória no início da interação. Nesta interação, Márcia se posiciona diretamente como narradora (L8 e L9).

Com este participante, Márcia inicia o enquadre instrucional (Starosky, 2005) de forma direta e marcada. Isso é evidenciado pela utilização de estratégias de mediação desde o início da contagem da estória. No fragmento 33 a mediadora introduz a contagem de estória e utiliza perguntas para promover a compreensão de Pedro.

#### Fragmento (33)

Turno	linha		
9.	13	Márcia	((põe o livro na mesa))
10.	14		Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho.
	15		Olha aqui.((apontando para Chapeuzinho no livro)).
	16		Por que você acha que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho?
11.	17	Pedro	*não sei* *não* ((fica olhando o livro)) Não sei.
12.	18	Márcia	[Não sabe?
	19	Márcia	Não?
	20		Olha pra ela. ((Apontando o livro))
	21		Por que será que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho?
13.	22	Pedro	( ) falou que é pra levar lá na vovó.
14.	23	Márcia	Ah você conhece a estória!

Márcia faz uma pergunta para confirmar a compreensão de Pedro sobre uma característica representativa da personagem principal (L16), visando confirmar se ele havia entendido a relação entre o nome da personagem e suas características. Uma pergunta aparentemente simples para uma criança dessa idade causou dificuldades para o menino, como era esperado pela mediadora, que já conhecia o paciente –em atendimento no ambulatório há bastante tempo.

É interessante observar que a mediadora aponta para a ilustração da personagem no livro antes de fazer a pergunta (L15, L16), dando uma pista de que a resposta estava no desenho, ou seja, era visual, mas o menino não soube responder (L17).

Márcia insiste na tentativa de fazê-lo prestar atenção no desenho, e encontrar uma resposta (L20, L21), orientando lingüisticamente o foco de atenção de Pedro. Essa estratégia pode ser considerada uma mediação do tipo regulação do

nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006) criada nessa interação, já que Márcia, além de repetir a pergunta, procura fazer referência à pista visual, ajustando a tarefa.

Pedro, então, procura reenquadrar a tarefa, iniciando a co-construção de contagem da estória (L22) dentro do enquadre instrucional instaurado pela mediadora (L21). Com esta atividade interacional, o menino indica já conhecer a estória. Márcia afirma esse conhecimento (L23), mas não o incentiva a contar a estória.

Márcia mantém o enquadre instrucional. No fragmento 34, a seguir, a mediadora, continua a utilizar estratégias de mediação para promover a compreensão de Pedro, focando a relação semântica entre o nome da personagem e as características presentes na ilustração.

Fragmento (34)

Turno	linha		
>14.	24	Márcia	Mas por que será que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho?
15.	25	Pedro	Não sei *não sei*
16.	26	Márcia	Olha a roupa dela. (aponta para o livro)
17.	27	Pedro	A roupa dela...é..a roupa... a roupa...é a roupa é verde.
18.	28	Márcia	Verde?
19.	29	Pedro	Não vermelho. *não*
20.	30	Márcia	Vermelho.
21.	31		Ó tem o chapéu vermelho, por isso que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho.

Márcia repete a pergunta para promover compreensão (L24), e Pedro novamente diz que não sabe (L25). A seguir, Márcia é mais direta ao pedir que Pedro observe o desenho (L26).

Ao direcionar o foco de atenção do menino, a mediadora regula a dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006). A mediação funciona, pois Pedro demonstra perceber que se trata da cor da roupa, mas ele apresenta dificuldade de selecionar o item lexical, como mostram suas hesitações, e confunde a cor vermelha com a verde (L27).

Márcia repete a elocução dele com entonação de pergunta (L28), o que funcionou como uma pergunta de clarificação, dando oportunidade de autocorreção. A resposta de Pedro (L29) demonstra que sua dificuldade havia sido, realmente, com a seleção do item lexical. A mediadora, então, repete a

elocução de Pedro (L30) (Norrick, 2000), ratificando a resposta e o incentivando. No mesmo turno, a mediadora amplia a informação e explicita a relação entre a cor do chapéu e o nome da menina (L31), para promover compreensão pelo menino.

Antes de iniciar o enredo da estória, a mediadora mantém o objetivo inicial de buscar, com suas intervenções, a compreensão de Pedro sobre personagens da estória. Esse foco inicial é evidenciado no fragmento 35.

#### Fragmento (35)

Turno	Linha		
>21.	32	Márcia	Ahn, aí essa mulher é quem?
22.	33		Você que falou
23.	34		“A mulher mandou ela”
24.	35	Pedro	Vai ler tudo?
25.	36	Márcia	Não. Vou ler só da Chapeuzinho, tá.
	37		Vai ser muito legal, presta atenção.
	38		Essa mulher é quem? Quem você acha que é?
26.	39	Pedro	*não sei* *não*
27.	40	Márcia	É a mamãe dela.
	41		A mamãe falou
	42		“Chapeuzinho, leva esses doces pra vovó, a vovó ta doente.”
	43		Aí a mãe falou assim
	44		“Não vai pela floresta, é perigoso. você me obedece, hein. Não vai pela floresta.”
	45		Mas a Chapeuzinho desobedeceu. Foi andando pela floresta,

Márcia busca respostas que indiquem se Pedro havia percebido a relação de afiliação entre as duas personagens (L32, L33 e L34), através de uma pergunta para promover compreensão e retoma a participação anterior do menino (fragmento 34, L22). Pedro não responde, ele tenta sair do enquadre instrucional e busca o enquadre de leitura (L35), demonstrando um certo desinteresse pela interação, e até mesmo pela estória. Márcia adere ao enquadre de leitura e busca estimular Pedro (L36, L37), e em seguida retoma a pergunta para confirmar compreensão (L38). Novamente o menino demonstra não saber responder (L39). Márcia então explicita a relação entre as personagens (L40), fornecendo a informação (McCabe e Peterson, 1991:235) para Pedro. A seguir, a mediadora inicia a contagem propriamente dita (L41 a L45).

Enquanto inicia o relato da estória, Márcia chama atenção para a intencionalidade implícita na ação do lobo, e usa a estratégia de buscar complementação de informações por Pedro, como pode ser visto a seguir, no fragmento 36.

Fragmento (36)		
Turno	Linha	
>28.	46	e quando ela foi andando, ela encontrou o::?
28.	47	Pedro ((silêncio))
29.	48	Márcia O lobo mau.
	49	Aí o lobo mau falou
	50	“Chapeuzinho aonde você vai?”
		Fragmento (36, continuação)
	51	Aí ele fingiu que era amigo, mas era mentira, ele não é amigo.
	52	Ele fingiu que era amigo dela.
	53	“Onde você vai?”
	54	Ela falou
	55	“Vou na casa da vovó”.
	56	“Ahh que que você vai fazer lá?”
	57	“Vou levar docinhos.”
	58	“Hum, então você pega umas flores.”
	59	O lobo mau falou, porque ele é mau
	60	“Então você pega umas flores e vai por esse caminho aqui.”
	61	Só que era um caminho longe, e o lobo mau ((estala os dedos)) correu pelo o caminho mais rápido.
	62	Quem você acha que chegou primeiro?
30.	63	Pedro ((esboça uma resposta, mas não fala nada))
31.	64	Márcia Quem será que chegou primeiro na casa da vovó?
32.	65	Pedro *não sei*
33.	66	Márcia Ó, a Chapeuzinho foi no caminho longe: e o lobo mau foi no caminho perto.
	67	Quem você acha que chegou primeiro?
34.	68	Pedro ( ) foi pra casa da vovó.
35.	69	Márcia É, foi correndo pra casa da avó.

Em (L46) Márcia começa a relatar o episódio, para Pedro complementar. A resposta, no entanto, é o silêncio (L47). Vemos que a mediadora busca a participação de Pedro, utilizando um prolongamento de vogal numa pergunta eliciadora. Mas como o menino permanece em silêncio, a mediadora continua a narrar (L48 a L60). A mediadora, diversas vezes, explicita a maldade do lobo ao enganar a chapeuzinho (L51, L52 e L59).

Márcia faz mais uma pergunta para promover compreensão (L62), a partir de seu relato anterior sobre o momento em que o lobo engana a chapeuzinho, visando que o menino previsse que, se o lobo havia corrido na frente, por um caminho menor, ele chegaria primeiro na casa da avó. Há dificuldade de resposta (L63), e Márcia repete a pergunta (L64), dessa vez de forma mais completa, retomando o local de destino. Pedro demonstra não saber responder (L65).

Márcia repete a explicação anterior, e em seguida repete também a pergunta (L66, L67), mas a criança só diz para onde o lobo foi (L68). Márcia então utiliza uma repetição variante (L69) (Norrick, 2000:55) da elocução dele,

acrescentando que o lobo havia ido correndo. Assim Márcia reafirmou para Pedro sua concordância, o incentivando e, ao mesmo tempo, reformulou sua fala de forma a incluir o aspecto semântico chave para a compreensão do episódio. Toda essa seqüência de estratégias pode ser considerada uma regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006), pois reduz a complexidade da tarefa para níveis possíveis para Pedro nesse momento.

No fragmento 37, Márcia mantém o foco anterior, explicitando a maldade do lobo. A mediadora aborda aspectos relativos à intencionalidade e aos estados mentais dos personagens.

Fragmento (37)

Turno	Linha		
>35.	70	Márcia	E o lobo mau chegou primeiro, olha.
	71		Ele foi andando pelo caminho que era menor, o caminho mais perto.
36.	72	Pedro	Aqui ((Apontando a casa no livro))
37.	73	Márcia	É, aqui.
	74		E ele chegou aqui na porta da casa da vovó.
	75		Aí ele bateu. ((bate na mesa)).
	76		A vovó perguntou
	77		“Quem é?”.
	78		Aí ele mentiu de novo:
	79		“Sou eu, a Chapeuzinho.”
	80		Olha que mentira!
	81		“Sou a Chapeuzinho! Abre a porta, vovó”.
	82		A vovó abriu a porta.
	83		“Que susto!”
	84		Era o lobo mau, não era a Chapeuzinho!
	85		O lobo mau comeu a vovó! Comeu a vovó!
	86		Ele botou a roupa da vovó, os óculos, a touca, a camisola e deitou na cama pra esperar a Chapeuzinho chegar.
	87		Quando a Chapeuzinho chegou, ela falou
	88		“Ué vovó! Você tá tão diferente! Por que que você tem os olhos tão grandes?”
	89		Aí o lobo falou
90		“É pra te ver melhor!”	
91		“Ô vó, por que que você tem um nariz tão grande?”	
92		“É pra te cheirar melhor!”	
93		“Vovó, por que você tem uma boca tão grande?”	
94		“É pra te comer!!”	
95		Aí o lobo correu pra pegar a Chapeuzinho.	
96		Ela ficou com medo, ela começou a correr berrando	
97		“Socorro! Socorro!”	
98		Aí lá perto tinha um caçador, que escutou a Chapeuzinho berrando.	
99		Ele chegou,	
100		Ó o caçador ((apontando para o livro)),	
101		escutou a Chapeuzinho berrando,	
102		aí ele correu pra casa da vovó, matou o lobo mau, tirou a vovó de dentro do lobo mau	
103		e a vovó e a Chapeuzinho ficaram muito felizes!	
104		Muito bem!	

Nas seqüências, a mediadora continua explicitando todo o episódio (L70 a L74) no qual o lobo engana a Chapeuzinho para chegar primeiro na casa da avó, fornecendo a informação (McCabe e Peterson, 1991:235) que faltava para o menino.

Pedro faz uma participação espontânea (L72), demonstrando que está atento e compreendendo a estória contada. Márcia confirma, e ainda repete sua elocução (Norrick, 2000), reafirmando sua concordância (L73) e o incentivando a co-construir.

Vemos que Márcia explicita a maldade do lobo ao enganar a chapeuzinho (L78, L80) e chama sua atenção para o fato do lobo estar mentindo (L84), abordando a intencionalidade implícita na ação do lobo. Márcia continua a contagem, e explicita o medo de Chapeuzinho (L96), abordando o estado mental da personagem.

#### 4.3.2

#### Enquadre de recontagem

Após terminar a contagem da estória, Márcia claramente procura reenquadrar a tarefa terapêutica, sugerindo a recontagem de Pedro. A mediadora insiste bastante nesse enquadre, apesar das dificuldades apresentadas pela criança em narrar autonomamente. O esforço de Márcia alcança sucesso, após um longo trecho de trabalho interacional de mediação que se inicia no fragmento 38.

##### Fragmento (38)

Turno	Linha	Participante	Enunciado
38.	105	Márcia	Quer contar pra mim agora?
39.	106	Pedro	*não*.
40.	107	Márcia	Não? Nadinha?
	108		Então vamos ver aqui.
	109		Ò a estória é de quem?
41.	110	Pedro	((tenta ver o restante do livro))
42.	111	Márcia	Depois eu te conto as outras, depois eu conto.
	112		A estória é de quem?
	113		Essa estória que eu te contei?
	114		Essa sobre-
	115		qual o nome da menina da estória?
	116		qual o nome dessa menina da estória?
43.	117	Pedro	É... é...é...
44.	118	Márcia	Chapeuzinho...
45.	119	Pedro	Vermelho.

Apesar da solicitação da mediadora (L105), Pedro não aceita a tarefa de narrar (L106). Márcia, por sua vez, não insiste explicitamente na recontagem autônoma, talvez pela dificuldade lingüística apresentada por ele anteriormente. Através do convite “então vamos ver aqui” (L108), Márcia se mostra disposta a mediar e co-construir a recontagem junto a Pedro.

Inicialmente, lança uma pergunta eliciadora (Perroni, 1992), que visa recuperar uma informação para reiniciar a estória (L109). Mais uma vez, (assim como no fragmento 36, L22), Pedro procura sair da tarefa de recontagem proposta pela mediadora, tentando ver o restante do livro e mostrando certo desinteresse pela interação corrente (L110), ou ainda interesse maior pelas outras estórias do livro.

Márcia insiste na recontagem (L112), repetindo a pergunta feita anteriormente, mas logo refaz a pergunta de forma mais fechada, focando a atenção na personagem principal (L115, L116). Pedro apresenta uma hesitação (L117) ao tentar iniciar a resposta. Márcia, então, dá o início da resposta, para Pedro complementar (L118), e ele realiza a tarefa (L119). Essa mediação, que inclui a modificação do formato da pergunta e, ainda, iniciar a resposta para a criança completar, pode ser considerada uma regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006), visto que Márcia ajusta a tarefa que a criança irá realizar.

Na seqüência, Márcia continua o trabalho interacional de mediação, procurando co-construir a recontagem com Pedro, apesar de suas dificuldades. Vemos no fragmento 39 que, com esse esforço, ela consegue uma participação efetiva da criança.

Fragmento (39)

Turno	Linha		
46.	120	Márcia	E o que que a mãe dela falou?
47.	121	Pedro	A mãe dela falou ((boceja falando)) pra ir na casa da vovó.
48.	122	Márcia	É, na casa da vovó.
	123		Pra levar o que?
49.	124	Pedro	Ahn?
50.	125	Márcia	Pra ela levar o que na casa da vovó?
51.	126	Pedro	Doce.
52.	127	Márcia	Por que?
53.	128	Pedro	Porque, porque é pra comer, ela tá doente.
54.	129	Márcia	Isso. ((virando a página))

A mediadora lança uma pergunta eliciadora (L120) visando elicitare a estória, e Pedro responde conforme o esperado (L121) (Fig. I; Dadalto, 2006<sup>8</sup>). Márcia concorda com ele, o incentivando, e, ainda, usa a repetição para reforçar sua concordância (Norrick, 2000) (L122).

Em seguida, a mediadora faz outra pergunta eliciadora (L123). Pedro demonstra não saber responder, ao solicitar a repetição (L124). Márcia, então, reformula a pergunta, de forma mais completa (L125), o que pode ser considerado uma mediação do tipo regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006), visto que Márcia orienta melhor a resposta dele.

Pedro responde a pergunta com facilidade (L126). Márcia, então, prossegue com uma pergunta para confirmar compreensão. Ela pergunta sobre a motivação dessa ação, visando se certificar se Pedro havia compreendido a relação causal inerente ao episódio (L127). Perguntas do tipo ‘porque?’; ‘como?’ não são simples, pois envolvem a realização de inferências lógicas, sendo mais difíceis do que perguntas do tipo ‘o que?’; ‘onde?’; ‘quando?’; ‘quanto?’, que envolvem apenas inferências informacionais (Sampaio e Spinillo, 1986). Novamente o menino responde com facilidade, indicando ter compreendido bem essa relação causal (L128) (Fig. II; Dadalto, 2006), e realizado a inferência lógica necessária para responder.

Márcia se mantém no esforço interacional que visa co-construir a recontagem com Pedro. Como pode ser visto a seguir, no fragmento 40, a mediadora consegue gerar uma participação gradativamente maior de Pedro, através do trabalho interacional, que se iniciou no fragmento 38.

#### Fragmento (40)

Turno	Linha		
>54.	130	Márcia	Aí a Chapeuzinho fez o que? Ela foi pelo caminho que a mamãe mandou?
55.	131	Pedro	Ela falou, ela falou... ele falou...tu vai pra onde? Pra casa da vovó
56.	132	Márcia	Ahan e aí? *sim*
57.	133	Pedro	Aí ela correu...ele falou não.
	134		Aí bateu na porta ((bate na mesa)), aí...
	135		((olha para Márcia))
58.	136	Márcia	Aí a vovó perguntou: “Quem é?”
59.	137	Pedro	“Quem é?”

<sup>8</sup> Ver quadro 2, página 122.

A mediadora faz uma seqüência de perguntas eliciadoras, uma pergunta Qu seguida de outra sim/não –L130. Dessa forma, ela fornece um guia para a narrativa de Pedro, ao limitar progressivamente as possibilidades de resposta, regulando, assim, o do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006).

Pedro não responde exatamente o que foi perguntado, sobre o caminho usado por Chapeuzinho (Fig. III e Fig. IV; Dadalto, 2006), mas retoma a ordem da mãe (Fig. I; Dadalto, 2006) (L131). Márcia o incita a recontar, sem fornecer nenhum conteúdo informacional (Hudson, 2006:76) (L132). O menino continua a narrar (L133), mas não responde à pergunta da mediadora. Ele traz o momento da estória em que o Lobo chega na casa da avó (L134) (Fig. VII; Dadalto, 2006), e demonstra certa hesitação para recontar (L135). Márcia faz uma participação, colaborando com a narrativa naquele ponto (L136), fornecendo a informação para co-construir (McCabe e Peterson, 1991:235). Pedro repete parte de sua elocução (L137), aparentemente se beneficiando da mediação e concordando com ela (Norrick, 2000).

Márcia continua abordando aspectos da intencionalidade do Lobo, durante a recontagem, como vemos no fragmento 41.

Fragmento (41)

Turno	Linha		
60.	138	Márcia	Aí que que o lobo mau falou?
61.	139	Pedro	*não sei*
62.	140	Márcia	“É a Chapeuzinho Vermelho”.
	141		Ele fingiu...
63.	142	Pedro	“É a Chapeuzinho Vermelho”((Vira a página))

A mediadora faz uma pergunta eliciadora para estimular Pedro a continuar o diálogo (L138), ela fornece um guia para a narrativa do menino, ao limitar as possibilidades de resposta, pois seleciona o personagem que deve falar. O menino não responde, então Márcia colabora novamente com a co-construção da estória, fornecendo a informação (McCabe e Peterson, 1991:235). Pedro novamente repete a elocução da mediadora (L142), se beneficiando da mediação e concordando com ela (Norrick, 2000), e dessa forma continua a relatar o episódio (Fig. VIII, Dadalto, 2006). A mediadora aborda a intencionalidade do lobo (L141), buscando promover a compreensão de Pedro sobre esse aspecto.

A seguir, Pedro assume de forma mais explícita seu papel de narrador. Como pode ser observado no fragmento 43, Márcia colabora menos neste momento.

Fragmento (43)			
>63.	143	Pedro	Aí ele pegou a vovó, comeu.
	144		Aí, ela ((referindo-se à Chapeuzinho))
	145		“( ) por que?”
	146		“Porque pra te cheirar ((aponta para o nariz))”.
	147		“Por que... cadê a boca grande?”
	148		“É pra comer!”
64.	149	Márcia	É pra te comer!

Pedro continua a recontar a estória, trazendo espontaneamente a ação do lobo comendo a avó (L143) (Fig. X; Dadalto, 2006). Vemos que ele não traz algumas partes da estória, nas quais primeiro o lobo se fantasia de vovó e em seguida a Chapeuzinho chega (Fig. XI e XII respectivamente; Dadalto, 2006). Pedro reproduz parte do diálogo entre Chapeuzinho e Lobo Mal, e, em seguida, sugerindo o ataque do Lobo à chapeuzinho (L144 a L148) (Fig. XIII e XIV). O pronome ela, utilizado para referir-se à Chapeuzinho (L144), é usado sem que antes tivesse sido feita referência à chegada da personagem.

O menino traz o clímax da estória de forma mais elaborada, em comparação com suas participações anteriores na recontagem, o que é evidenciado pelo tamanho maior do seu turno (turno 63) nesse fragmento, em relação aos outros nessa interação. Márcia utiliza uma repetição variante (Norrick, 2000:55) da elocução final de Pedro (L149), confirmando e ao mesmo tempo reformulando sua fala de forma sintaticamente mais organizada (Starosky, 2005, 2006:439).

No fragmento 44, Márcia devolve o piso narrativo para Pedro, aproveitando para orientar a continuação de sua narrativa.

Fragmento (44)			
>63.	150	Márcia	E aí? A Chapeuzinho fez o que?
65.	151	Pedro	“Vovó” ((fala relatada da Chapeuzinho))
66.	152	Márcia	“Socorro!” ((fala relatada da Chapeuzinho))
67.	153	Pedro	(ele) ouviu, foi correndo, ((vira a página))
	154		aí vovó::
68.	155	Márcia	Matou o lobo mau, tirou a vovó de dentro da barriga,
	156		e elas viveram felizes para sempre!
	157		Legal Pedro↑

Através de uma pergunta eliciadora, Márcia orienta a recontagem de Pedro (L150), ao selecionar a personagem que agiria a seguir na trama. Pedro não responde exatamente da forma esperada por Márcia (L151), então, a mediadora colabora com a co-construção da estória, fornecendo a informação (McCabe e Peterson, 1991:235), nesse caso a fala exata da personagem (L152). Pedro utiliza essa elocução como pista, e completa a parte seguinte do episódio, se guiando pela ilustração do livro (L153).

Pedro tentou continuar a narrar, mas não selecionou o personagem adequado para continuar a ação e fez um prolongamento de vogal que demonstrou hesitação (L154). Márcia então interfere, fornecendo informações sobre a estória (McCabe e Peterson, 1991:235) e trazendo o seu desfecho (L155, L156) (Fig. XV e XVI, Dadalto, 2006). Em seguida Márcia indica o encerramento da interação (L157).

#### **4.4**

##### **Thiago - Entre querer e poder**

Iniciamos agora outra parte da análise, referente à interação na qual houve recontagem da estória Chapeuzinho vermelho pelo participante Thiago<sup>9</sup>. Esta é a última interação de terapia com contagem e recontagem de estória a ser analisada.

Esta seção também é importante por seus próprios resultados, e na comparação com as anteriores, por possibilitar uma melhor visualização das diferenças de natureza discursiva e sócio-interacional de cada uma das interações analisadas neste trabalho.

#### **4.5**

##### **Enquadre instrucional**

Com esse participante, assim como com os dois anteriores, também foi necessário o primeiro momento dessa atividade, no qual a fonoaudióloga faz a

---

<sup>9</sup> - Transcrição nº 4 – Anexo 6.

contagem da estória para a criança, como poderá ser visualizado a seguir, no fragmento 45.

Fragmento (45)

turno	linha		
1.	1.	Márcia	Você gosta de livro?
2.	2.	Thiago	*sim*
3.	3.	Márcia	Quem que lê livro pra você? Aline?
4.	4.	Thiago	é
5.	5.	Márcia	É?
	6.		Você não tá com saudade dela não?
6.	7.	Thiago	Nã.o.
7.	8.	Márcia	Vou falar pra ela que você não ta com saudade dela.
	9.		((abre o livro)) Ela gosta tanto de você.

Assim como Pedro, no início da interação Márcia procura criar envolvimento de Thiago com a atividade, e ele diz que gosta de livro (L2), em resposta à pergunta da mediadora (L1).

No fragmento 46, a seguir, Márcia não cogita a possibilidade de suprimir a primeira etapa da atividade, como com Pedro, e já inicia logo o enquadre de contagem de estória se posicionando diretamente como narradora.

Fragmento (46)

Turno	Linha		
8.	10.	Márcia	Você conhece essa menina aqui? ((Mostrando no livro))
9.	11.	Thiago	((sorri)) Menina::
10.	12.	Márcia	Conhece ela? Quem é essa menina?
11.	13.	Thiago	Menina::
	14.		aí ia andando, (aí ia passando, o lobo queria comida, ela tá passando)
12.	15.	Márcia	E qual o nome dela, você sabe?
13.	16.	Thiago	Não sei ((expressão de estranhamento))
			*não*
14.	17.	Márcia	cha:: pe:u
15.	18.	Thiago	Chapéu ((sorri para Márcia))
16.	19.	Márcia	Chapeuzinho?
17.	20.	Thiago	Chapeuzinho.
18.	21.	Márcia	Vermelho.
19.	22.	Thiago	Vermelho.
20.	23.	Márcia	Porque↑ que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho?
21.	24.	Thiago	tem uma capa um chapéu. {capa chapéu}
22.	25.	Márcia	Ahh, tem uma capa e um chapéu.

Thiago se mostra bem mais envolvido, e demonstra maior interesse na interação do que Pedro (L11, L18). Também com este participante, Márcia inicia o enquadre instrucional (Starosky, 2005) logo de início, utilizando estratégias de

mediação desde o início da contagem da estória. De forma semelhante ao ocorrido na interação com Pedro, aqui também Márcia enfoca a compreensão de Thiago.

Assim como fez com o participante anterior, Márcia inicia a interação perguntando se Thiago conhece a estória (L10, L12, L15). A criança apresenta dificuldades sem saber dizer o nome da personagem em português (L16 a L22).

A mediadora usa uma pergunta, em formato aberto, sobre uma característica representativa da personagem principal (L23), visando promover a compreensão da relação entre o nome Chapeuzinho Vermelho e a cor da capa da personagem - bem simples para uma criança dessa idade. O menino consegue responder à pergunta da mediadora, que envolve uma inferência lógica (Sampaio e Spinillo, 1986) (L24), ao menos em parte. Márcia repete a elocução do menino, mostrando sua concordância (Norrick, 2000) (L25), e o incentivando.

Márcia não se satisfaz com a resposta parcial do menino, continuando no fragmento 47 a tentativa de promover a compreensão do menino sobre esse aspecto da estória.

#### Fragmento (47)

Turno	Linha		
>22.	26.	Márcia	De que cor?
23.	27.	Thiago	(ela foi andando) com isso aqui ó ((apontando a cesta da Chapeuzinho)) (foi passando) *** ((representando um objeto pequeno))
24.	28.	Márcia	Tá o que?
25.	29.	Thiago	(foi passando) *** ((representando um objeto pequeno))
26.	30.	Márcia	°passando?°
27.	31.	Thiago	*sim*

A mediadora formula outra pergunta (L26), dessa vez do tipo Qu. Thiago não responde ao questionamento da mediadora, em vez disso sai do enquadre instrucional, começando a narrar a estória (L27). O que ocorre é que, devido às alterações articulatórias dele, sua fala não é totalmente compreendida pela interlocutora (L30).

Dois tipos de mediação podem ser identificados nesse fragmento e no anterior. Perguntas para promover compreensão e regulação do nível de dificuldade de tarefas à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006). Ao tentar promover a compreensão do menino, Márcia procura diminuir a complexidade da tarefa ao fazer a pergunta de forma progressivamente mais fácil – indo do formato

aberto para o formato Qu (McCabe e Peterson, 1991:235; Day, 2005) - buscando ajustar a tarefa a um nível que a criança já seja capaz de realizar.

#### 4.5

#### Enquadre de contagem de estória

Possivelmente devido à dificuldade de compreender a fala de Thiago, visto que o menino estava participando da atividade, no Fragmento 48 Márcia toma o turno, e inicia a contagem da estória.

##### Fragmento (48)

Turno	Linha		
>26.	32.	Márcia	esse aqui ó, a mamãe de:la
28.	33.	Thiago	ã
29.	34.	Márcia	vou contar pra você a estória.
	35.		a- <u>era</u> uma vez↑ uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho.
	36.		tem que fechar tem por causa do barulho ((falando com a pesquisadora))
	37.		<u>A mamãe</u> pediu pra ela levar os doces na casa da vovó, porque vovó tava doente.
30.	38.	Thiago	A vovó ta doente::
	39.		aí pegou (jogou as coisas da) vovó, *jogou*
	40.		aí (ficou parado) *parado*
	41.		isso aqui ó ((tenta ir para a próxima página do livro))
31.	42.	Márcia	Mas eu vou contar perai.
32.	43.		Aí a mamãe falou
	44.		“Chapeuzinho, não vai pela floresta, hein? Ai ai ai, não pode pela floresta” ((dedo em riste))
33.	45.	Thiago	Não pode bagunça {bagunça}.
34.	46.	Márcia	Bagunça não. {não}
	47.		é perigoso. ((vira a página)).

A mediadora institui o enquadre de contagem da estória (L34). O menino procura participar da narração, colaborando com a mediadora. Ele repete a elocução anterior de Márcia (L38), e em seguida tenta acrescentar informações novas (L39, L41). Ocorre, porém, que Thiago suprime parte da estória, indo direto para a parte em que o Lobo ataca a avó. Aparentemente, o menino vai direto para o clímax da estória, para a ação, tentando, até mesmo, virar a próxima página do livro.

Márcia interrompe a iniciativa de Thiago (L42), indicando que ele havia se precipitado como demonstra ao usar o termo “perai”, e volta a contar a estória do início (L43, L44).

Além da dificuldade em narrar a seqüência da estória completa, com todos os episódios, a articulação de Thiago é muito comprometida, o que dificulta que a interlocutora compreenda sua fala. Thiago faz nova participação (L45), mas, dessa vez, traz uma explicação equivocada para a recomendação dada pela mãe. A mediadora mostra a ele essa inadequação (L46) e fornece a informação (McCabe e Peterson, 1991:235), apresentando a motivação real da recomendação da mãe (L47).

No fragmento 49, as dificuldades de organização sintática e de seleção de itens lexicais, somadas à alteração articulatória, dificultam que a interlocutora compreenda a fala do menino. Durante a interação face-a-face, ou seja, em tempo real, é muito difícil entender plenamente a fala de Thiago, devido às diversas alterações mencionadas, mas a mediadora se esforça para, quando possível, valorizar as participações dele, que procura insistentemente co-construir a narrativa.

Fragmento (49)

Turno	Linha		
>28.	48.	Márcia	mas a Chapeuzinho foi pela floresta.
	49.		sabe quem que ela encontrou na floresta?
35.	50.	Thiago	o vermelho (chapeuzinho vermelho), ((Apontando a Chapeuzinho no livro)) (o lobo, queria comer) ((apontando o Lobo)) isso aqui ó. ((apontando a cesta da Chapeuzinho))
36.	51.	Márcia	ó aí ela foi andando por-
	52.		é *sim*,
	53.		aí ela encontrou o lobo que QUERIA comer a comida dela.

A mediadora estimula a participação de Thiago na co-construção da narrativa (L49), através de uma pergunta eliciadora (Perroni, 1992). Ele colabora (L50), trazendo o personagem e suas intenções. Porém, a interlocutora parece não compreender imediatamente sua fala. Vemos que a profissional inicia a retomada de sua fala anterior (L51), para promover uma melhor compreensão de Thiago, inicialmente ignorando a participação do menino, por não entender sua fala. Em seguida, Maria parece perceber o que Thiago havia dito, como indica a revisão após falso começo ‘por-’ (Norrick, 2000:58, 59) (L51, L52). Maria, então, concorda com Thiago (L52), e em seguida reformula sua fala (L53). Assim a

mediadora concorda com o menino, através da repetição variante (Norrick, 2000:55), o incentivando, e acrescenta itens lexicais, substituindo o ‘isso aqui ó’, usado, por ‘a comida dela’, e organiza sintaticamente elocução dele.

A seguir, no fragmento 50, Thiago se esforça para participar da co-construção da estória, o que demonstra seu envolvimento com a atividade. Apesar do interesse demonstrado, porém, a criança não segue exatamente a seqüência da trama, a mediadora retoma a parte suprimida, incentivando a participação dele.

Fragmento (50)

Turno	Linha		
>36.	54.	Márcia	ai o lobo:: ((voz de mistério))
37.	55.	Thiago	[foi pra casa= {casa}
38.	56.	Márcia	=é:
39.	57.	Thiago	vovó
40.	58.	Márcia	isso
	59.		Aí o lobo que era <u>muito</u> mau, falou assim:
	60.		“Chapeuzinho, pra onde você vai?” ((altera a voz))
	61.		Ele fingiu que era <u>amigo</u> dela, mas ele NÃO é amigo. {NÃO}

Thiago aproveita um prolongamento de vogal de Márcia, que dá tom de mistério à estória, e participa da contagem, adiantando uma parte importante, porém posterior da estória (L55, L57). Márcia concorda com ele, o incentivando (L56,58), e, em seguida, retoma a parte da estória suprimida pelo menino (L59 a L61), buscando apresentar o conto na íntegra, para que Thiago tenha a oportunidade de ter seus esquemas de conhecimento relativos à estória ativados, e de entender melhor as relações causais implícitas na estória.

No fragmento 51, Thiago colabora com a co-construção da estória, trazendo novamente uma parte posterior da estória, de quando o Lobo tranca a avó no armário.

Fragmento (51)

Turno	Linha		
41.	62.	Thiago	Aí ele vai: vovó: aí ele vai... a- {abre}, vai... *coloca* a- coloca a vovó:, aí {fecha} a- fecha a porta:
	63.		aí vovó: (amarra) *amarra a boca*
42.	64.	Márcia	É, colocou a roupa da vovó,
	65.		a gente vai chegar lá!

Thiago participa da contagem, adiantando outra parte importante, mas posterior da estória (L62). Ele apresenta dificuldade de seleção lexical em PL2 nesse trecho, e se apóia na L1 e em gestos para narrar. Essa estratégia discursiva é

utilizada naturalmente por aprendizes de L2 e é eficaz quando o interlocutor compreende a L1 ou quando consegue apreender sentido dos gestos utilizados. Márcia, como no fragmento (50, L56, L58), concorda com Thiago, o incentivando (L64) e, reformula sua fala. Além disso, tal como no fragmento (48, L42), indica que ele havia se precipitado (L65).

O esquema de conhecimento de Thiago sobre o conto não corresponde à versão presente no livro ilustrado utilizado. O menino se baseou numa versão na qual o lobo não devora a Vovó, mas a tranca no armário. Márcia, desta vez, diferentemente da maneira que procedeu com Rodrigo, não corrige Thiago, aceitando a validade da versão trazida pelo menino, e levando em consideração seus esquemas de conhecimento (L64).

A seguir, no fragmento 52, Márcia retoma a parte da estória suprimida pelo menino no fragmento 51.

Fragmento (52)

Turno	Linha		
>42.	66.	Márcia	Aí ele falou
	67.		“Chapeuzinho aonde você vai?”
	68.		“Eu vou na casa da vovó levar docinho”
	69.		Então ele falou ((apontando o Lobo no livro))
	70.		“ó, pega essas florzinhas e vai por esse caminho aqui”
	71.		Só que esse caminho, era lo:::nge, ((passando o dedo no caminho feito pela Chapeuzinho))
	72.		[e o lobo mau foi pelo caminho mais rápido. ((passando dedo no caminho feito pelo Lobo))
43.	73.	Thiago	[((passando o dedo no caminho feito pela Chapeuzinho))
44.	74.	Márcia	Quem será que chegou primeiro?
45.	75.	Thiago	É:: é:: ele correndo pra casa.
46.	76.	Márcia	Correu.
	77.		E quem chegou primeiro na casa da vovó?

A mediadora procura apresentar o conto integralmente (L66 a L72), e de explicitar o episódio em que o Lobo engana chapeuzinho para ele chegar antes à casa da Avó (L70, L71, L72). Após, como no (Fragmento 46), Márcia pergunta quem chegou primeiro à casa da Avó (L74), visando promover sua compreensão de Thiago sobre fato do Lobo demorar menos pelo caminho mais curto. O menino responde que o Lobo foi correndo (L75), mas não fica claro se ele havia entendido quem chegou primeiro. Márcia repete parte da elocução dele, mostrando sua concordância (Norrick, 2000) (L76), e o incentivando. Depois ela retoma a pergunta (L77), mostrando não estar satisfeita com a resposta anterior dele.

No fragmento 53, a seguir, Márcia continua trabalhando para que Thiago compreenda quem chegou primeiro na casa da avó, e diz ela mesma a resposta.

Fragmento (53)			
Turno	Linha		
47.	78.	Thiago	Vovó?= =ó o [lo-
48.	79.	Márcia	[Tá doente
49.	80.	Thiago	É *sim*, tava doente.
50.	81.	Márcia	Aí o lobo mau foi corre[ndo,
51.	82.		[ó vovó= ((mostra a casa da Avó no
	83.	Thiago	livro))
52.	84.	Márcia	=e chegou na casa da vovó.
	85.		Ele bateu na porta ((bate na mesa)), aí a vovó perguntou
	86.		“quem é?”.

Thiago tenta confirmar o que foi perguntado (L78), mas a mediadora inicia uma retomada da parte precedente da estória (L79). Sua elocução é contígua a de Thiago, que em seguida a interrompe (L80), continuando seu turno anterior. Ele, porém, não responde quem chegou primeiro na casa da Avó, fazendo apenas um comentário sobre a doença da personagem. Márcia concorda com ele (L81), o incentivando, e em seguida, fornece a informação (McCabe e Peterson, 1991:235), inserida naturalmente na seqüência da estória (L82, L84).

Podemos ver, no fragmento 54, que Márcia deseja promover compreensão de Thiago sobre outro aspecto do conto.

Fragmento (54)			
Turno	Linha		
>52	87.	Márcia	Aí ele falou
	88.		“Sou eu, a Chapeuzinho!” ((alterando a voz))
	89.		É verdade?
53.	90.	Thiago	*sim*
54.	91.	Márcia	É <u>verdade</u> ?
55.	92.	Thiago	*sim*
56.	93.	Márcia	Ele é a Chapeuzinho?
57.	94.	Thiago	Nã::o.
58.	95.	Márcia	Não,
59.	96.		ele é o lobo!

A mediadora faz uma pergunta visando focar a compreensão de Thiago sobre o fato de o Lobo estar se “disfarçando” de Chapeuzinho (L89). Thiago, inicialmente, demonstra não ter entendido o disfarce (L90). Márcia repete a pergunta, com entonação enfática (L91), essa pergunta de clarificação (Ninio e Bruner 1978 apud McCabe e Peterson, 1991:223), daria oportunidade para a criança se corrigir.

Novamente, Thiago demonstra não ter entendido a mentira do Lobo (L92). Maria, então, tira o foco da intencionalidade do personagem, e pergunta diretamente por sua identidade (L93). A mudança no foco da pergunta obteve a resposta esperada da criança (L94). Essa estratégia pode ser considerada regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006). Márcia, então, o incentiva e mostra concordância repetindo sua elocução (Norrick, 2000), além disso, ela diz quem o personagem realmente é.

Em seguida, no fragmento 55, Márcia continua a narrar a estória, e explicita questões de intencionalidade e estados mentais implícitas na trama.

Fragmento (55)

Turno	Linha		
>59.	97.	Márcia	Ele mentiu pra vovó. A vovó abriu a porta
	98.		“É o lobo! Que susto! Que medo!”
	99.		Que que o lobo fez?
60.	100.	Thiago	Ele pegou::, ele (o lobo) pegou a vovó, fechou a porta. {pegou} {fechou}
61.	101.	Márcia	Botou a vovó dentro do armário e trancou a porta.
62.	102.	Thiago	(aí colocar ele:: colocar) aqui a cama ((aponta a cama no livro)) {touca} {touca}
63.	103.	Márcia	Aí ele vestiu a roupa da vovó. ((vira a página))

A mediadora chama atenção para a mentira do lobo (L97), e para o medo da Avó (L98). Márcia faz uma pergunta eliciadora (L99), estimulando a participação de Thiago na co-construção da narrativa. Thiago colabora (L100), trazendo a ação – o ataque do Lobo à Avó – (Fig. X, Dadalto, 2006). Márcia concorda com ele e o incentiva, repetindo sua elocução de forma variante (L101) (Norrick, 2000:55). Além disso, ela reformula sua fala, a organizando sintaticamente, e inserindo itens lexicais adequados.

Thiago participa novamente, dessa vez espontaneamente, trazendo o episódio em que o lobo coloca a roupa da Avó (L102) (Fig. XI, Dadalto, 2006). Márcia, mais uma vez, repete sua elocução de forma variante (L103), o incentivando e concordando com ele (Norrick, 2000:55), e reformula sua fala, novamente inserindo itens lexicais adequados e organizando sintaticamente sua fala. É visível a dificuldade de seleção lexical do menino em PL2 também nesse trecho, no qual ele utiliza como estratégia discursiva o apoio na L1 e nas ilustrações para narrar (L100, L102, L104).

No fragmento 56, Thiago continua procurando colaborar para a co-construção da estória.

Fragmento (56)

Turno	Linha		
64.	104.	Thiago	(aí, aí aqui ó) ((apontando algo no livro))
65.	105.	Márcia	Peraí ó,
	106.		Ele vestiu a roupa da vovó, botou a touca, os óculos e deitou embaixo do cobertor da vovó.
	107.		Aí a Chapeuzinho chegou...
66.	108.	Thiago	aí ele [(apontando a Chapeuzinho))
67.	109.	Márcia	[Chapeuzinho vermelho
68.	110.	Thiago	(chapeuzinho) Vermelho, (chapeuzinho) chegou que bagunça! {bagunça}
69.	111.		aí ( [            ] *                    *
70.	112.	Márcia	[Que que a chapeuzinho perguntou?
	113.		“vovó, que nariz tão grande é esse?”
	114.		[aí-
71.	115.	Thiago	[vovó, (que nariz) é esse?
72.	116.	Márcia	*sim*

Thiago deseja mostrar algo no livro, mas a mediadora, tal como no (Fragmento 48, L42 e no Fragmento 51, L65), indica que ele havia se precipitado através do uso do “peraí” (L105) e continua a narrativa (L106, L107). A pausa de Márcia (L107) parece estimular Thiago a participar (L108). Ele repete a elocução da mediadora (L110) e ainda acrescenta algo sobre a estória, que não fica muito claro. Thiago continua narrando, mas sua fala e seus gestos são ininteligíveis nesse momento (L111). Isso motiva Márcia a interferir, ela utiliza uma pergunta retórica (L112), e continua a contagem da estória (L113). Márcia estava continuando a contagem (L114), quando Thiago a interrompe, repetindo sua elocução e assim demonstrando conhecimento lingüístico e aprendendo a usar termos em contexto (L115) (Starosky, 2005, 2006:442). A mediadora concorda com ele, de forma gestual (L116), o incentivando.

Nesse Fragmento, Márcia colabora com o nome da personagem chapeuzinho (L109), quando Thiago se refere a ela como “ele” (L108), provavelmente devido a ausência de marcação de gênero em pronomes em LIBRAS. Essa informação é reconhecida por Thiago (L110), sendo incorporada ao seu discurso de forma enfática, marcada pela repetição (Norrick, 2000) que mostra a interlocutora sua concordância.

Assim como fez durante toda a contagem da estória, Thiago continua participando como co-narrador da estória no fragmento 57.

## Fragmento (57)

Turno	Linha		
>72.	117.	Márcia	Aí a vovó falou
	118.		“é pra te cheirar melhor”.
	119.		“Vovó, que olho tão grande é esse?”.
	120.		“É pra te ver melhor!”
	121.		“Vovó que boca tão grande é essa?”
	122.		“É pra te <u>comer!</u> ” ((faz como se pegasse Thiago))
	123.		O lobo correu atrás da Chapeuzinho, a Chapeuzinho ficou com medo, ela gritou
	124.		“Socorro! [Socorro!”
73.	125.	Thiago	[( ) *arma* Pow, pow!
74.	126.	Márcia	O caçador escutou ela gritando socorro!
75.	127.	Thiago	[escutou {escutou}
	128.		cachorro andando. ((finge que guia o cachorro))
76.	129.	Márcia	Tava andando com o cachorro, o caçador.
77.	130.		Aí ele foi pra casa da vovó, tiro- matou o lobo mau, tirou a vovó de dentro do armário e elas viveram felizes para sempre!
78.	131.	Thiago	Morreu o lobo {lobo}.
79.	132.	Márcia	Morreu, matou o lobo.

Márcia traz o diálogo entre Chapeuzinho e Lobo, e o ataque do Lobo à menina (Fig. XIII e XIV respectivamente, Dadalto, 2006) (L118 à L124). A mediadora chama atenção para o medo da personagem chapeuzinho (L123), explicitando seu estado mental.

Thiago, por sua vez, espontaneamente parece trazer o desfecho da estória (Fig. XV, Dadalto, 2006) (L125), demonstrando estar envolvido com a atividade e possuir esquemas de conhecimento relativos à estória. A mediadora explicita melhor a ajuda do caçador (L126). Thiago repete parte de sua elocução, aprendendo a usar o termo em contexto (Starosky, 2005, 2006:442) (L127), e comenta o fato do caçador estar andando com o cachorro (L128), fato secundário à estória que está retratado na ilustração. Márcia faz uma repetição variante (Norrick, 2000:55), concordando com ele e assim o incentiva (L129). Desse modo, a mediadora também organiza léxico e sintaticamente a fala dele (L129), a reformulando.

Márcia finaliza a contagem da estória, respeitando a versão trazida por Thiago, e utiliza o fechamento convencional das estórias infantis (L130). Thiago faz uma participação comentando o desfecho do Lobo (L131), demonstrando, assim, considerar isso relevante, assim como fez Luna no (fragmento 31, L127).

## 4.5

### Enquadre de recontagem de estória

Após terminar de contar a estória, Márcia reenquadra a tarefa terapêutica, solicitando a recontagem de Thiago, como veremos a seguir, no fragmento 58.

Fragmento (58)

turno	linha		
>79.	133.	Márcia	Conta agora pra mim ((procura página inicial)) Conta aqui pra mim.
80.	134.	Thiago	Chapeuzinho Vermelho, a mamãe ((aponta as personagens))
	135.		“vamo lá, vamos pra vovó”.
	136.		(o lobo, chapéu) chapeuzinho vermelho (ele::) vamo pegar o começo aqui ó ((apontando o caminho no livro)), (e vai andando)=
81.	137.	Márcia	=o lobo quer comer né *sim*
82.	138.	Thiago	o lobo? fica aqui ó ((aponta outro caminho no livro)),
	139.		achou o casa {casa} ((vira a página))
	140.		aqui ((aponta a casa)) achou casa vovó, aí tá
	141.		“Quem é?”
	142.		“Sou eu”((fala relatada do lobo))
83.	143.	Márcia	“Chapeuzinho Vermelho!” ((fala relatada do lobo imitando a voz da personagem chapeuzinho))
84.	144.	Thiago	((olha para Márcia e sorri))
85.	145.	Márcia	hhhhh
86.	146.	Thiago	((sorri para Márcia)) É::,
	147.		chapéu vermelho

A mediadora altera a estrutura de participação ao fazer o convite “conta pra mim” (L133). Ela se posiciona como expectadora, e, assim, posiciona Thiago como narrador ratificado. Thiago inicia imediatamente a recontagem apresentando as personagens (L134), exercendo o papel de narrador. O menino apresenta a mãe chamando Chapeuzinho para visitar a Avó (L135), e traz pistas dos episódios nos quais o lobo engana a menina (L136) (Fig. I e V, respectivamente; Dadalto, 2006).

A fala de Thiago é bem difícil de ser compreendida durante a interação, e Márcia demonstra não ter entendido com exatidão o que ele disse, pois sua elocução parece não se relacionar com a fala anterior do menino (L137). A mediadora parece elicitá-lo, com isso, a elocução de Thiago que traz o momento em que o Lobo chega à casa da vovó (L138 à L140) (Fig. VII; Dadalto, 2006), e também o momento em que o Lobo bate na porta da avó (Fig. VIII; Dadalto, 2006) (L141, L142). Não fica claro, porém, se o menino entendeu que o Lobo imita a Chapeuzinho. Márcia, então, colabora com a recontagem, reformulando a fala dele através de uma repetição variante (Norricks, 2000:55) na qual traz a fala relatada do lobo imitando a voz da personagem chapeuzinho (L143). Assim, a

mediadora mostra que o Lobo se fez passar pela menina. Thiago sorri, demonstrando envolvimento com a atividade (L144), e em seguida concorda com Márcia (L146), e repete sua elocução (L147), o que enfatiza ainda mais sua concordância.

No fragmento 59, Thiago procura se manter como narrador, e a mediadora por sua vez co-constrói, realizando perguntas e reformulações da fala do menino.

Fragmento (59)			
turno	linha		
>87.	148.	Thiago	ele entrou porta: ((vira a página))
	149.		fechou. ele pegou, pegou vovó fechou porta <pch::[:i::u::> {fechou} {pegou}, e {fechou}
87.	150.	Márcia	[botou dentro
88.	151.	Thiago	((olha para Márcia)) botou dentro
	152.		aí ele tira tira tira tira *tira tira tira tira* ((passando a mão na ilustração do Lobo))
	153.		botou aqui ((apontando a cabeça do Lobo))
89.	154.	Márcia	Botou o que? Ele tirou a roupa dele e botou o que?
90.	155.	Thiago	é *sim* botou
91.	156.	Márcia	A roupa da:?:
92.	157.	Thiago	ô: ((vira a página))
93.	158.	Márcia	da vovó, né?

Thiago traz o momento do ataque do Lobo à Avó, contando que o lobo tranca a avó no armário com os recursos lingüísticos dos quais dispõe (L149) (Figura X; Dadalto, 2006). Márcia procura reformular a elocução de Thiago (L150), e ele repete sua elocução, aprendendo a usar termos em contexto (L151) (Starosky, 2006:442).

Thiago dá pistas de que estaria trazendo também o momento em que o Lobo tira a própria roupa (L152), e se fantasia de Avó (L153) (Figura XI; Dadalto, 2006). Márcia, na linha 154, reformula a elocução de Thiago na qual ele diz que o lobo tira sua roupa (L152), utilizando itens lexicais adequados, e ainda faz uma pergunta eliciadora que visa maior especificidade na fala de Thiago quanto à roupa que o lobo colocou (L153). O menino apenas confirma que o lobo botou a roupa (L155), como se Márcia tivesse pedido uma confirmação. Márcia não se satisfaz com a resposta e muda sua estratégia, insistindo em mediar a recontagem. A mediadora inicia a frase para Thiago completar, restringindo as possibilidades de resposta (L156). Assim Márcia focaliza o dono da roupa, procurando orientar a resposta do menino. Mas Thiago não responde, preocupado em continuar a contagem da estória ele vira a página do livro (L157). A

mediadora, então, fornece a informação (McCabe e Peterson, 1991:235), dizendo que o lobo havia colocado a roupa da Avó (L158).

É interessante notar que ela faz duas vezes a pergunta, procurando facilitar para Thiago a realização da tarefa de responder. Modificar o formato da pergunta, iniciando a resposta para a criança completar, e, ainda, fornecer a informação, são mediações que podem ser consideradas do tipo regulação do nível de dificuldade da tarefa à ZDP (Lidz, 1990 apud Motta et al., 2006), visto que ajustam a tarefa que a criança irá realizar.

No fragmento 60, em seguida, nota-se que as dificuldades articulatória e lingüística de Thiago dificultam sua comunicação, mas ele se mantém até o final da recontagem no papel de narrador.

Fragmento (60)

turno	linha		
94.	159.	Thiago	vovó ( )
95.	160.	Márcia	Vovó aqui/
96.	161.	Thiago	[pegou, passou (comer... é:: ele comer...ele, ele comer). falou
	162.		“Socorro!” ((fala relatada da personagem chapeuzinho))
	163.		aí (por ali passando, chamar) homem...
	164.		“por aqui... bora, bora, bora, bora, bora” ((fala relatada do caçador, enquanto finge guiar o cão))
97.	165.	Márcia	“Vambora! Vambora! Tem alguém gritando socorro” ((fala relatada do caçador))
	166.		né?
	167.		“Vambora!” ((fala relatada do caçador))
98.	168.	Thiago	É.
	169.		Ele que matou. ((vira a página)) morre::u↓
99.	170.	Márcia	Matou o lobo. Salvou a vovó/
100.	171.	Thiago	[abriu vovó:: abriu
101.	172.	Márcia	Abriu o armário, pegou a vovó.
	173.	Márcia	E a Chapeuzinho e a vovó↓ viveram↓ felizes para sempre!
	174.	Márcia	Viu que legal? ((faz gesto para desligar a filmadora))

Thiago continua a recontagem (L159), ininteligível nesse momento, que nem pôde ser transcrito na totalidade. Márcia demonstra não entender sua fala, como demonstra sua tentativa de tomar o turno (L160). O menino ignora a participação da mediadora, mantendo a recontagem (L161). Ele traz o pedido de socorro da personagem chapeuzinho (L162, L163), e o desfecho da estória através da ajuda do caçador (L164, L169) (Fig. XIV e XV; Dadalto, 2006).

Márcia mostra concordância às elocuições dele (L165 e L170), o incentivando através de repetições variantes (Norrick, 2000:55). Inicialmente ela reformula sua fala, de forma mais completa (L165), e recebe a concordância dele (L168). Posteriormente, além de reformular sua fala, a mediadora fornece uma

informação a mais, que considera importante, enfatizando que o caçador não apenas matou o Lobo - como enfatizou Thiago - mas também salvou a Avó (L170). Thiago, assim como no (Fragmento 57, L131), comenta apenas o desfecho do Lobo (L169). Ao enfatizar o salvamento da avó no desfecho da estória (L170, L172), Márcia abre caminho para o fechamento convencional dos contos infantis (L173).

## 4.5

### Sobre a mediadora

#### 4.5.1

#### Posicionamentos interacionais assumidos pela mediadora

Um aspecto interessante a ser notado, em duas dessas interações, é a diferença de posicionamento de Márcia em relação aos desvios realizados por Rodrigo e Thiago, em relação à versão da estória trazida pelo livro.

Como foi visto na seção anterior, os esquemas de conhecimento de Rodrigo, bem como os de Thiago, sobre o conto Chapeuzinho Vermelho, não corresponderam à versão da estória presente no livro ilustrado utilizado nessas interações. Rodrigo demonstrou conhecer a versão dos irmãos Grimm, na qual o Lobo devora tanto a Avó quanto a Chapeuzinho, que posteriormente são salvas pelo caçador. Ele contou essa estória, e dessa forma se afastou da versão trazida pelo livro ilustrado. Thiago, por sua vez, se baseou numa versão na qual o lobo não devora a Avó, mas a tranca no armário, também se afastando, assim, da versão presente no livro utilizado.

A postura de Márcia em cada uma dessas interações é diferenciada. No primeiro caso, com Rodrigo, a profissional insiste em sua versão da estória até o final da interação. A mediadora corrige Rodrigo algumas vezes, devido ao ‘desvio’ em relação à trama da estória presente no livro. Vemos que o menino acaba aceitando a versão da fonoaudióloga –que é também a presente no livro-. Rodrigo não consegue comunicar à Márcia que conhece uma estória diferente. Além disso, ele apresenta algumas incoerências no decorrer da contagem da estória, que dificultam a compreensão da versão trazida por ele. No segundo caso,

Márcia não corrige Thiago, aceitando a validade da versão trazida por ele, e levando em consideração seus esquemas de conhecimento sobre a estória Chapeuzinho vermelho.

Tal diferença se deve, principalmente, ao fato da profissional já conhecer a versão da estória apresentada por Thiago, enquanto a versão narrada por Rodrigo era desconhecida para ela. Isso pôde ser esclarecido através de uma entrevista<sup>10</sup> com a mediadora, na qual a pesquisadora aborda o mal-entendido ocorrido na interação com Rodrigo. Como se vê a seguir, a partir do fragmento 61.

Fragmento (61)

Linha		
1	Carolina	É:: teve::-
2		a gente tava trabalhando com <u>um</u> modelo da estória da chapeuzinho, né,
3		daquele livro que não é nem a estória original da chapeuzinho.
4		tem uma anterior, uma versão anterior àquela.
5		Em uma das interações que eu tô analisando é: ((voz tremida))
6		ficou claro que assim, a-
7		o esquema de conhecimento da estória da chapeuzinho da criança era diferente do seu.
8		Não sei se você tá lembra- tá reconhecendo sabe?
9	Márcia	Aquela que entro no: armá:rio e: que comeu a vovó:?
10	Carolina	Comeu a chapeuzi:nho.
11		Teve dois,
12		teve um que entrou no armário e teve outro que comeu a vovó e a chapeuzinho.
13	Márcia	E: é
14	Carolina	Mas isso na verdade existe essa versão
15	Márcia	Ah
16	Carolina	Aí assim, queria que você falasse um pouco sobre isso, sobre que-
17		como que você acha que essa questão influencia. (0.2)
18		o fato da criança também não conseguir te mostrar que
19		“não eu vi outra estória”
20		né a dificuldade lingüística da criança.
21	Márcia	Ah por que eu fiquei insistindo que tava errado?
22	Carolina	É.

Inicialmente, quando a pesquisadora aborda o mal-entendido ocorrido na interação com Rodrigo, a mediadora demonstra que de certa forma já havia percebido que insistiu na própria versão da estória (L21). Márcia fez isso até por ser àquela a versão contida no livro. Mas, com isso, ela deixou de validar a versão contada por Rodrigo, e, apesar dele ter se posicionado como narrador durante a maior parte da interação, isso dificultou que ele tivesse sua contagem da estória totalmente ratificada por Márcia.

<sup>10</sup> Transcrição nº5, Anexo 7.

Márcia agiu diferentemente com Thiago, validando sua versão da estória, apesar de não ser a contida no livro utilizado. A mediadora fala espontaneamente, no fragmento 62, da importância de respeitar os esquemas de conhecimento das crianças durante o trabalho de mediação.

Fragmento (62)

- 23 Carolina Você acha que isso:::=  
 24 Márcia =Não, tem que levar em consideração o conhecimento da criança lógico,  
 25 se na hora [eu não percebi isso foi falta de conhecimento meu que tinham várias versões.  
 26 Carolina [hãhã  
 27 É.  
 28 Márcia Falta de me dar conta, né?  
 29 Carolina Claro. A gente não pode conhecer [todas também]

A mediadora sabe que é necessário aproveitar e valorizar os esquemas de conhecimento trazidos pela criança (L24), como ela mesma reconhece, inclusive com ênfase na palavra “lógico”. Apesar disso, na interação com Rodrigo, ela não percebeu que aquilo que ele narrava refletia um esquema de conhecimento distinto do dela. Dessa forma, Márcia considerou inadequado o que Rodrigo narrou de forma diferente da versão que estava presente no livro utilizado.

Mais do que as palavras da mediadora, que abordam a importância de respeitar os esquemas de conhecimento das crianças, sua atuação na interação com Thiago também evidencia seu posicionamento em relação isso. Sua consciência da necessidade de aproveitar os esquemas de conhecimento da criança na terapia e seus esforços para reconhecê-los e explorá-los durante seu trabalho como mediadora, como foi mostrado em todo o item 4.4.3, e, mais especificamente, nos fragmentos (55, L101), (57, L130), (59, L151), (60, L172).

A mediadora realmente não conhecia a versão narrada por Rodrigo, mas sim a narrada por Thiago, como vemos no fragmento 63, a seguir. Além disso, o fragmento mostra que Márcia sente um desconforto com a tomada de consciência dessa situação.

Fragmento (63)

- 30 Márcia [porque saber que tem eu sei.]  
 31 Não.  
 32 É, saber eu até sei.  
 33 Márcia Quer dizer tem a- tem a que prende no armário e tem uma que come a: [vovó  
 34 Carolina [as duas né?  
 35 Márcia Come as duas? nunca vi!  
 36 Carolina Tem. É a original hhh

## Fragmento (63, continuação)

- 37 Márcia Ah é?  
 38 Carolina É hhh  
 39 Márcia Ah. Nem sabia, nunca vi.  
 40 É:: então foi um vacilo meu. Lógico.

Além de se evidenciar, no fragmento acima, que Márcia realmente não conhecia a versão da estória narrada por Rodrigo (L33, L35, L39), também podemos perceber que a mediadora considerou esse episódio uma falha em sua atividade de mediação (L40). Essa autocrítica procede, de alguma forma, pois caso, preferencialmente de fato, ela houvesse percebido que se tratava de outra versão da estória, isso possibilitaria uma mediação mais efetiva. Por outro lado, porém, o episódio poderia ter sido uma boa oportunidade de conflito, no qual o aprendiz poderia ter sido exposto à negociação de significados.

A negociação de significados está relacionada à resolução de problemas comunicativos, e em geral provê mais oportunidades de aprendizagem do que uma conversa comum (van Lier, 2000:249). Para van Lier, a negociação de significados indica que o aluno está em processo de aprendizagem, ou, ao menos, tendo oportunidade de aprendizagem. Rodrigo, porém, não consegue dizer que conhece outra versão da estória, e acaba aceitando a versão da mediadora, que também não percebe que a criança tenta narrar outra versão da estória.

O atendimento fonoaudiológico com foco no desenvolvimento da narrativa é, como foi visto, uma interação real, e, como tal, está sujeita a negociações de significado. As negociações de significado devem ser estimuladas, pois propiciam momentos muito férteis em oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento.

Em uma prática como a nossa, que envolve interação espontânea, estaremos sempre sujeitos a situações como a exposta. Devido a isso, é importante para nós, fonoaudiólogos, estarmos atentos à possibilidade de não percebermos que esquemas de conhecimento distintos dos nossos podem estar sendo revelados pelas crianças. Além disso, devemos estar atentos também à possibilidade de estarmos nos baseando em conhecimentos supostamente partilhados, que podem não fazer parte dos esquemas de conhecimento das crianças com as quais interagimos.